



# SANGUE ARDENTE

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME XI

*Tradução de Renato Carreira*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

## CHARLAINE HARRIS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

*Sangue Fresco*  
*Dívida de Sangue*  
*Clube de Sangue*  
*Sangue Oculto*  
*Sangue Furtivo*  
*Traição de Sangue*  
*Sangue Felino*  
*Laços de Sangue*  
*Sangue Mortífero*  
*Segredos de Sangue*  
*Um Toque de Sangue (contos)*  
*Sangue Ardente*

Terei de dedicar este livro à memória da minha mãe.

Não teria estranhado ter um romance de fantasia urbana a si dedicado. Era a minha maior admiradora e a minha leitora mais fiel.

Tinha tantas qualidades admiráveis.

Sinto a sua falta todos os dias.



## Agradecimentos

Receio esquecer-me de alguém desta vez porque tenho a sorte de ter muita ajuda de qualidade enquanto escrevo estes livros. Permitam-me agradecer em primeiro lugar à minha assistente e melhor amiga, Paula Woldan, por me permitir a paz de espírito para trabalhar sem preocupações; às minhas amigas e leitoras, Toni L.P. Kelner e Dana Cameron, que me ajudam a concentrar nos aspetos importantes do livro que estiver a escrever; a Victoria Koski, que tenta manter em ordem o enorme mundo de Sookie; ao meu agente, Joshua Bilmes, e à minha editora, Ginjer Buchanan, que se esforçam tanto para manter o meu comboio profissional encarrilado. Neste livro, tive os valiosos conselhos de Ellen Dugan, escritora, mãe e bruxa.





# 1

O sótão estivera fechado até ao dia posterior à morte da minha avó. Descobri a chave e abri-o nesse dia horrível para procurar o seu vestido de noiva, dominada pela ideia tresloucada de que deveria ser sepultada com ele. Dei um passo para o interior e, logo a seguir, voltei-me e saí, deixando a porta destrancada.

Agora, dois anos depois, voltei a abri-la. As dobradiças chiaram de forma tão sinistra como se fosse meia-noite do Dia das Bruxas em vez de uma manhã soalheira de quarta-feira no final de maio. As tábuas largas do soalho protestaram sob os meus pés quando avancei além do limiar. Havia formas escuras à minha volta e um odor bolorento muito ténue. Era o cheiro de coisas velhas há muito esquecidas.

Quando o primeiro piso foi acrescentado à residência original dos Stackhouse, décadas antes, fora dividido em quartos, mas cerca de um terço terá sido reservado a arrumos depois de a maior geração da família ter diminuído em número. Desde que Jason e eu viemos viver com os nossos avós depois da morte dos nossos pais, a porta do sótão fora mantida trancada. A avó não quisera limpar a desarrumação que lá fizéssemos se decidíssemos que o sótão era um sítio excelente para brincar.

Agora, a casa pertencia-me e a chave estava pendurada de uma fita que trazia ao pescoço. Restavam apenas três descendentes dos Stackhouse originais: Jason, eu e o filho da minha falecida prima Hadley, um rapazinho chamado Hunter.

Movi a mão nas sombras pesadas até encontrar a corrente pendurada, segurando-a e puxando. Uma lâmpada pendurada sobre mim iluminou décadas de objetos rejeitados pela família.

O meu primo Claude e o meu tio-bisavô Dermot entraram atrás de mim. Dermot expirou de forma tão sonora que foi quase um ronco. Claude mostrava-se sisudo. Estava certa de que lamentaria ter-se oferecido para me ajudar a limpar o sótão. Mas não o libertaria da promessa, sobretudo quando havia outro macho vigoroso disposto a ajudar. Por agora, Dermot ia onde Claude fosse e tinha dois pelo preço de um. Não conseguia prever durante quanto tempo a situação se manteria. Percebi de repente, nessa manhã, que não tardaria a estar demasiado calor para passar tempo no sótão. A janela que a minha amiga Amelia instalara num dos quartos mantivera tolerável o ambiente no piso de baixo, mas, claro, não desperdiçáramos dinheiro a fazer o mesmo no sótão.

— Como faremos isto? — perguntou Dermot. Era louro e Claude era moreno. Seriam um magnífico conjunto de suportes para livros. Certa vez, perguntara a Claude qual a sua idade, descobrindo que tinha apenas uma ideia muito vaga. Os fae não medem a passagem do tempo da mesma forma que nós, mas Claude seria, pelo menos, um século mais velho que eu. E era uma criança por comparação com Dermot. O meu tio-bisavô acreditava ser setecentos anos mais velho. Não havia uma ruga, um cabelo branco, um centímetro de pele flácida em nenhum deles.

Porque tinham muito mais sangue de fada que eu (tinha apenas um oitavo), todos parecíamos ter a mesma idade, rondando os vinte e muitos anos. Mas isso mudaria com o passar do tempo. Pareceria mais velha do que os meus parentes remotos. Apesar de Dermot se parecer muito com o meu irmão Jason, percebera no dia anterior que Jason tinha pés-de-galinha ao canto dos olhos. Dermot poderia nunca ostentar esse sinal de envelhecimento.

Forçando-me a voltar ao presente, disse:

— Sugiro que levemos as coisas para a sala. Há muito mais luz lá em baixo e será mais fácil ver o que vale a pena guardar e o que não vale. Depois de tirarmos tudo do sótão, poderei limpá-lo quando forem trabalhar. — Claude era proprietário de um clube de *strip* em Monroe e dirigia-se para lá todos os dias. E Dermot ia para onde Claude fosse. Como sempre...

— Temos três horas — disse Claude.

— Ao trabalho — disse eu, com os lábios curvando-se para cima



num sorriso animado e luminoso. Era a minha expressão dos momentos difíceis.

Cerca de uma hora mais tarde, perdera a confiança, mas era demasiado tarde para voltar atrás. (Poder ver Claude e Dermot sem camisa tornava o trabalho muito mais interessante.) A minha família vivera naquela casa desde a chegada dos primeiros Stackhouse ao Condado de Renard. E acontecera há muito mais de cento e cinquenta anos. Guardáramos coisas.

A sala começou a encher-se rapidamente. Havia caixas de livros, arcas cheias de roupa, mobiliário e jarrões. A família Stackhouse nunca fora rica e, aparentemente, sempre achámos que conseguiríamos encontrar uso para qualquer coisa, por mais envelhecida ou partida que estivesse, desde que a guardássemos durante tempo suficiente. Nem as duas fadas resistiram a fazer uma pausa depois de manobramos uma secretária de madeira incrivelmente pesada pela escadaria estreita. Sentámo-nos no alpendre da frente. Eles sobre a balaustrada e eu deixando-me cair sobre o baloiço.

— Podíamos empilhar tudo no quintal e atear-lhe fogo — sugeriu Claude. Não brincava. O seu sentido de humor era difícil de compreender, nos seus melhores momentos, e minúsculo no resto do tempo.

— Não! — Tentei não soar tão irritada como me sentia. — Sei que nada disto é valioso, mas, se outros Stackhouse acharem que devia ser guardado lá em cima, devo-lhes a cortesia de verificar tudo.

— Queridíssima sobrinha-bisneta — começou Dermot —, receio que Claude tenha razão. Dizer que este lixo não é «valioso» é um eufemismo. — Depois de se ouvir Dermot falar, percebia-se que a semelhança com Jason era apenas superficial.

Olhei as fadas com desagrado.

— Claro que vocês os dois acharão que a maior parte disto será lixo, mas poderá ter algum valor para humanos — referi. — Poderei contactar o grupo de teatro de Shreveport para ver se querem alguma da roupa ou do mobiliário.

Claude encolheu os ombros.

— Isso permitirá que te livres de uma parte — disse. — Mas a maioria do tecido nem para trapos serve. — Colocáramos algumas caixas no alpendre quando deixou de haver espaço na sala e tocou uma com o pé. A etiqueta dizia que continha cortinas, mas poderia apenas tentar adivinhar o seu aspeto original.

— Tens razão — admiti. Usei os pés para ganhar balanço, sem

grande vigor, e balucei durante um minuto. Dermot entrou na casa e regressou com um copo de chá de pêssego com muito gelo. Passou-mo em silêncio. Agradei-lhe e fitei com desconsolo as velharias a que, outrora, alguém dera valor. — Muito bem. Começaremos uma pilha de coisas para queimar — disse, rendendo-me ao bom senso. — Que tal lá atrás, onde costume queimar as folhas?

Dermot e Claude fitaram-me.

— Está bem. Pode ser aqui sobre a gravilha — afirmei. Da última vez que o caminho que conduzia à casa recebera gravilha nova, o espaço para estacionamento, rodeado com madeiros ornamentais, também merecera uma nova camada. — Não é que receba muitas visitas.

Quando Dermot e Claude partiram para tomar banho e para se vestirem para o trabalho, o estacionamento continha um monte substancial de objetos inúteis esperando a chama. As esposas Stackhouse tinham guardado lençóis e cobertores adicionais e a maioria encontrava-se no mesmo estado lastimoso das cortinas. Para meu profundo pesar, muitos dos livros tinham apodrecido e sido roídos pelos ratos. Suspirei e acrescentei-os à pilha, apesar de a simples ideia de queimar livros me provocar inquietação. Mas mobiliário partido, guarda-chuvas podres, toalhas de mesa manchadas, um velho sofá em couro com grandes buracos... ninguém voltaria a precisar deles.

As fotografias que encontrámos (emolduradas, em álbuns ou soltas) foram colocadas numa caixa na sala. Os documentos foram para outra caixa. Encontrara também algumas bonecas antigas. Vira na televisão que havia quem colecionasse bonecas e talvez aquelas valessem alguma coisa. Também havia algumas armas e uma espada. Onde estava o *Antiques Roadshow* quando era preciso?

À noite, no *Merlotte's*, contei o meu dia a Sam, o meu patrão. Sam era um homem compacto que, na verdade, era incrivelmente forte, limpava o pó às garrafas atrás do balcão. Não havia grande movimento nessa noite. De facto, o negócio não andara bom nas semanas anteriores. Não sabia se a culpa seria do encerramento da fábrica de derivados de frango ou da oposição de algumas pessoas ao facto de Sam ser um metamorfo. (A comunidade de dupla natureza tentara duplicar a transição bem-sucedida dos vampiros para a existência pública, mas não correrá tão bem.) E havia o bar novo, o *Vic's Redneck Roadhouse*, quinze quilómetros a oeste da interestadual. Ouvira dizer que o *Redneck Roadhouse* organizava vários tipos de concurso de *t-shirt* molhada,

jogos de bebida e uma promoção chamada «Noite Traz um Mano». Tretas deste género.

Tretas populares. Tretas que atraíam clientes.

Quaisquer que fossem as razões, Sam e eu tivemos tempo para falar sobre sótãos e antiguidades.

— Há uma loja em Shreveport chamada *Splendide* — disse Sam. — Os donos são os dois avaliadores. Podias ligar-lhes.

— Como sabes isso? — Talvez não tivesse sido a coisa mais delicada a perguntar.

— Bom, sei algumas coisas além de servir bebidas — respondeu Sam, olhando-me de lado.

Precisei de encher um jarro de cerveja para uma das mesas. Quando voltei, disse:

— Claro que sabes muitas coisas. Apenas não sabia que te interessavas por antiguidades.

— Não interessa. Mas a Jannalynn sim. A *Splendide* é a sua loja preferida.

Pestanejei, tentando não parecer tão desconcertada como me sentia. Jannalynn Hopper, que namorava com Sam há umas semanas, era tão feroz que fora nomeada executora da alcateia do Dente Longo, apesar de ter apenas vinte e um anos e a altura de uma aluna do sétimo ano. Era difícil imaginá-la a restaurar uma moldura antiga ou a planear instalar a tábua decorativa de uma plantação na sua casa em Shreveport. (Pensando melhor, não fazia ideia de onde ela vivia. Jannalynn teria uma casa?)

— Nunca o teria adivinhado — confessei, forçando-me a sorrir-lhe. Pessoalmente, achava que Jannalynn não era digna de Sam.

Claro que mantive essa opinião para mim. Telhados de vidro e pedras, não é? Namorava com um vampiro cuja lista de alvos potenciais excederia certamente a de Jannalynn, já que Eric tinha mais de mil anos de idade. Num daqueles momentos horríveis e aleatórios, percebi que todos os meus namorados tinham matado gente (apesar de ser uma lista bastante curta).

E eu também o tinha feito.

Precisei de me libertar daquela memória ou passaria a noite toda roída pela melancolia.

— Tens o número de telefone dessa loja e o nome de alguém com quem possa falar? — Esperava que os antiquários aceitassem vir a Bon Temps. Caso contrário, teria de alugar um reboque para levar o conteúdo do sótão até Shreveport.

— Sim. Tenho-o no meu gabinete — disse Sam. — Falei com a Brenda, a sócia feminina, porque queria comprar alguma coisa especial à Jannalynn para o seu dia de anos que está quase aí. A Brenda... Brenda Hesterman... ligou hoje de manhã para me dizer que tinha algumas coisas que gostaria que visse.

— Talvez pudéssemos ir até ela amanhã? — sugeri. — Tenho a sala apinhada de coisas e algumas também no alpendre e o bom tempo não durará para sempre.

— O Jason não quer nada? — perguntou Sam, parecendo inseguro. — Pergunto só por serem coisas de família.

— Levou uma mesa no mês passado — expliquei. — Mas calculo que será melhor perguntar-lhe. — Pensei no assunto. A casa e o seu recheio eram meus, porque a nossa avó assim entendera. Hmm... Bom, uma coisa de cada vez. — Vamos perguntar à Sra. Hesterman se pode dar uma vista de olhos. Se houver peças com algum valor, penso no que fazer a seguir.

— Está bem — disse Sam. — Parece-me uma boa decisão. Passo por tua casa amanhã às dez?

Era um pouco cedo para estar acordada e vestida, já que trabalhava no turno da noite, mas concordei.

Sam pareceu agradado.

— Podes dar-me a tua opinião sobre o que a Brenda me mostrar. Será bom ter uma opinião feminina. — Passou a mão pelo cabelo, que (como sempre) estava uma lástima. Algumas semanas antes, cortara-o muito curto e estava agora naquela fase estranha do crescimento. O cabelo de Sam tinha uma cor bonita, uma espécie de louro arruivado, mas, porque era naturalmente encaracolado, parecia não conseguir escolher uma direção agora que crescia. Suprimi um impulso para puxar da escova e pôr-lhe ordem. Não era algo que uma empregada devesse fazer à cabeça do seu patrão.

Kennedy Keyes e Danny Prideaux, que trabalhavam para Sam em *part-time* como empregada de bar substituta e como segurança, respetivamente, vieram sentar-se em dois dos bancos altos vazios. Kennedy era belíssima. Foi primeira dama de honor no concurso de Miss Louisiana, alguns anos antes, e continuava a ter aspeto de rainha de beleza. O seu cabelo castanho era brilhante e volumoso e as pontas não se atreviam a espigar. A maquilhagem era meticulosa. Fazia manicuras e pedicuras com regularidade. E não comprava uma peça de roupa no *Wal-Mart* nem que a sua vida dependesse disso.

Poucos anos antes, o seu futuro com um casamento rico no condado vizinho e uma herança generosa do papá, descarrilara depois de cumprir uma pena por homicídio não premeditado.

Juntamente com quase toda a gente que conhecia, eu achava que o namorado teria merecido o seu fim, depois de ver a cara de Kennedy inchada e enegrecida nas fotografias tiradas pela polícia aquando da prisão. Mas confessara ter disparado sobre ele quando ligou para o 911 e, dado que a família do namorado tinha alguma influência, esta não permitiria que ela ficasse em liberdade. Tivera uma sentença ligeira e saíra mais cedo por bom comportamento, por ter ensinado etiqueta e cuidados de beleza às outras presidiárias. Quando saiu, alugou um pequeno apartamento em Bon Temps, onde tinha uma tia, Marcia Albanese. Sam ofereceu-lhe trabalho pouco tempo depois de a conhecer e ela aceitara sem pensar.

— Olá — disse Danny a Sam. — Fazes-nos dois mojitos?

Sam retirou a hortelã do frigorífico e começou a trabalhar. Passei-lhe as tiras de lima quando as bebidas estavam quase prontas.

— Que planeiam para esta noite? — perguntei. — Estás muito bonita, Kennedy.

— Consegui perder quatro quilos, finalmente! — disse, e, quando Sam colocou o seu copo à sua frente, ergueu-o num brinde com Danny. — À minha antiga silhueta! Que esteja bem encaminhada para a recuperar!

Danny abanou a cabeça. Disse:

— Ei! Não precisas de fazer nada para ser linda. — Tive de virar a cara para não dizer: «Óóóóh». Danny era um tipo duro que não poderia ter crescido num ambiente mais diferente daquele em que Kennedy crescera. A única experiência que tinham em comum era a prisão, mas estava completamente perdido por ela. Sentia o calor tórrido à distância. Não era preciso ser telepata para perceber a devoção de Danny.

Não tínhamos corrido as cortinas da janela da frente e, quando percebi que escurecera lá fora, dirigi-me para a janela. Apesar de olhar do bar bem iluminado para o parque de estacionamento escuro, havia luzes também no exterior e algo se movia... rapidamente. Em direção ao bar. Tive uma fração de segundo para estranhar e, a seguir, captei um vislumbre de chama.

— Baixem-se! — gritei, mas a palavra ainda não me saíra por completo da boca quando a janela se estilhaçou e a garrafa e a sua cabeça flamejante aterraram numa mesa vazia, partindo o suporte de

guardanapos e projetando o saleiro e o pimenteiro. Guardanapos em chamas ergueram-se do ponto de impacto, flutuando até ao chão, às cadeiras e aos clientes. A própria mesa se transformou quase instantaneamente numa massa de chama viva.

Danny moveu-se mais depressa do que alguma vez vira um humano mover-se. Puxou Kennedy do banco, ergueu o tampo móvel e empurrou-a para trás do balcão. Houve um breve impasse enquanto Sam, movendo-se com velocidade ainda maior, retirava o extintor da parede e passava por baixo do balcão para começar a extinguir as chamas.

Senti calor nas coxas e olhei para baixo, percebendo que o meu avental fora incendiado por um dos guardanapos. Envergonha-me dizer que gritei. Sam girou para me apontar o extintor e voltou-se novamente para as chamas. Os clientes gritavam, esquivavam-se às chamas e corriam para o corredor que passava pelas casas de banho e pelo gabinete de Sam até ao parque de estacionamento traseiro. Uma das nossas clientes perpétuas, Jane Bodehouse, sangrava profusamente, com a mão erguida até à cabeça lacerada. Sentara-se perto da janela e não no seu lugar habitual ao balcão. Calculei que tivesse sido um estilhaço de vidro a cortá-la. Cambaleou e teria caído se não a segurasse por um braço.

— Vai por ali — gritei-lhe ao ouvido, empurrando-a na direção certa. Sam extinguia a maior concentração de chamas, apontando à base do fogo da forma recomendada, mas os guardanapos que tinham flutuado para longe provocavam inúmeros pequenos incêndios. Seguei o jarro de água e o jarro de chá colocados sobre o balcão e comecei a extinguir metodicamente as chamas no chão. Os jarros estavam cheios e consegui ser bastante eficiente.

Uma das cortinas ardia e dei três passos, mirando cuidadosamente e lançando o que restava do chá. As chamas não se extinguíram por completo. Ergui um copo de água de uma mesa e aproximei-me muito mais das chamas do que desejara. Sem parar de me encolher, verti o líquido sobre a cortina fumegante. Senti um calor estranho atrás de mim acompanhado de um cheiro nojento. Um odor intenso a químicos provocou-me uma sensação estranha nas costas. Voltei-me para tentar perceber o que acontecera e vi Sam rodopiando com o extintor.

Dei comigo a olhar pela janela de serviço para a cozinha. Antoine, o cozinheiro, desligava todo o equipamento. Inteligente. Ouvia o carro de bombeiros à distância, mas estava demasiado ocupada a

procurar novas centelhas amarelas para sentir grande alívio. Os meus olhos, carregados com lágrimas provocadas pelo fumo e pelos químicos, moviam-se em redor freneticamente enquanto tentava localizar novos focos de incêndio e tossia como louca. Sam fora buscar o segundo extintor ao seu gabinete e regressara empunhando-o e pronto a usá-lo. Oscilámos de lado a lado, prontos para extinguir todas as chamas que surgissem.

Nenhum de nós avistou mais nada.

Sam apontou mais um jorro à garrafa que provocara o incêndio e pousou o extintor. Debruçou-se, apoiando as mãos nas coxas, e inspirou com dificuldade. Começou a tossir. Após um segundo, curvou-se para a garrafa.

— Não lhe toques — disse-lhe, de imediato, fazendo-o deter a mão a meio do caminho.

— Claro que não — disse, repreendendo-se a si próprio enquanto se endireitava. — Viste quem atirou?

— Não — respondi. Éramos as únicas pessoas que restavam no bar. Ouvia o carro de bombeiros aproximando-se cada vez mais e soube que tínhamos um minuto para falar a sós. — Podem ter sido as mesmas pessoas que vimos manifestarem-se no parque de estacionamento. Mas não sei se os membros da igreja chegariam ao ponto de lançar bombas incendiárias. — Nem toda a gente na região apreciava descobrir que existiam criaturas como lobisomens e outros metamorfos após a Grande Revelação, e o Tabernáculo da Sagrada Palavra de Clarice enviara os seus membros para se manifestarem ocasionalmente junto ao *Merlotte's*.

— Sookie — disse Sam —, sinto muito pelo teu cabelo.

— Que lhe aconteceu? — perguntei, erguendo uma mão até à cabeça. O choque abalava-me. Foi difícil fazer a mão mover-se na direção certa.

— A ponta do teu rabo-de-cavalo ficou chamuscada — disse Sam. E sentou-se, muito subitamente. Pareceu-me uma boa ideia.

— É por isso que cheira tão mal — disse, deixando-me cair sobre o chão a seu lado. Tínhamos as costas contra o balcão, já que os bancos tinham sido dispersos durante a fuga para a porta dos fundos. Queimara o cabelo. Sentia lágrimas escorrerem-me pela cara. Sabia que era estúpido, mas não consegui evitar.

Sam pegou-me na mão e apertou-a. Estávamos na mesma posição quando os bombeiros entraram. Mesmo que o *Merlotte's* se situasse

fora dos limites da cidade, chamámos os bombeiros oficiais da cidade e não os voluntários.

— Acho que não vão precisar da mangueira — disse-lhes Sam.  
— Acho que está extinto. — Ansiava por evitar mais estragos no bar.

Truman La Salle, o chefe de bombeiros, disse:

— Precisam de primeiros-socorros? — Mas os seus olhos estavam ocupados e as palavras pareciam quase distraídas.

— Estou bem — disse-lhe, após olhar Sam. — Mas a Jane está lá atrás com um corte na cabeça provocado por um estilhaço de vidro. Sam?

— Talvez tenha a mão direita um pouco queimada — disse, comprimindo os lábios como se apenas naquele momento começasse a sentir a dor. Largou-me a mão para esfregar a esquerda com a direita e não houve dúvidas de que a dor o fez encolher-se.

— Tens de tratar isso — aconselhei-o. — As queimaduras doem como o raio.

— Sim. Estou a percebê-lo agora mesmo — retorquiu, fechando os olhos com força.

Bud Dearborn entrou logo que Truman gritou que era seguro. O xerife deveria estar na cama porque parecia ter-se vestido à pressa e não trouxera o chapéu, parte essencial do seu guarda-roupa. Estaria perto dos sessenta anos e a idade notava-se. Sempre me parecerá um cão pequinês. Agora, parecia-me um pequinês grisalho. Passou alguns minutos a olhar o bar, colocando os pés com cuidado e quase farejando a desarrumação. Por fim, mostrou-se satisfeito e veio colocar-se diante de mim.

— Que andaste a fazer agora? — perguntou.

— Alguém atirou uma bomba incendiária pela janela — respondi. — Não tive nada a ver com isto. — O choque impedia-me de sentir raiva.

— Sam, eras tu o alvo? — perguntou o xerife. Afastou-se sem esperar uma resposta.

Sam ergueu-se lentamente e voltou-se para me estender a mão esquerda. Segurei-a e puxou-me. Porque é muito mais forte do que parece, não demorei a ficar de pé.

O tempo deteve-se durante alguns minutos. Tive de pensar que talvez estivesse ligeiramente em estado de choque.

Após completar o seu circuito lento e cuidadoso do bar, o xerife Dearborn regressou para perto de Sam e de mim.



Nesse momento, passámos a ter outro xerife com que lidar.

Eric Northman, o meu namorado e xerife vampiro da Área Cinco, que incluía Bon Temps, entrou tão rapidamente pela porta dentro que, quando Bud e Truman, perceberam que lá estava, sobressaltaram-se e acreditei que Bud sacaria da arma. Eric segurou-me os ombros e curvou-se para me olhar a face.

— Estás ferida? — perguntou.

Era como se a sua preocupação me autorizasse a deixar cair a coragem. Senti uma lágrima escorrer-me pela face. Apenas uma.

— O meu avental começou a arder, mas acho que as pernas estão bem — disse, fazendo um grande esforço para parecer calma. — Só perdi um pouco de cabelo. Não foi grave. Bud, Truman, não me lembro se conhecem o meu namorado, Eric Northman, de Shreveport. — Havia vários factos duvidosos naquela frase.

— Como soube que havia problemas aqui, Sr. Northman? — perguntou Truman.

— Sookie ligou-me do telemóvel — explicou Eric. Era mentira, mas não queria explicar o nosso elo de sangue ao chefe de bombeiros e ao xerife e Eric nunca partilharia aquela informação com humanos.

Uma das coisas mais maravilhosas e aterradoras no amor que Eric sentia por mim era que se estava nas tintas para qualquer outra pessoa. Ignorou o bar danificado, as queimaduras de Sam e os polícias e bombeiros (que o observavam pelo canto do olho enquanto continuavam a inspecionar o edifício).

Eric contornou-me para avaliar o estado do cabelo. Após um longo momento, disse:

— Vou observar-te as pernas. Depois, procuraremos um médico e um cabeleireiro. — A sua voz era absolutamente fria e segura, mas soube que sentiria uma enorme raiva. Fluía pelo elo entre nós, tal como o meu medo e choque o tinham alertado para o perigo que corria.

— Querido, temos outras coisas em que pensar — disse, forçando-me a sorrir e a soar calma. Num recanto do cérebro, imaginei uma ambulância cor-de-rosa travando a fundo no exterior, com cabeleireiros correndo do interior armados com maletas de tesouras, pentes e laca. — Lidar com um ligeiro estrago capilar poderá esperar até amanhã. É muito mais importante descobrir quem fez isto e porquê.

Eric fitou Sam com desagrado, como se o ataque fosse responsabilidade sua.

— Sim. O bar dele é muito mais importante do que a tua seguran-

ça e bem-estar — disse. Sam pareceu espantado por aquela afirmação e vi surgir marcas de raiva na sua expressão.

— Se o Sam não tivesse sido tão rápido com o extintor de incêndio, estaríamos em muito mau estado — recordei, mantendo a calma e o sorriso. — Aliás, tanto o bar como os clientes estariam em muito pior estado. — Começava a esgotar a serenidade forjada e, obviamente, Eric percebeu-o.

— Levo-te para casa — disse.

— Só depois de falar com ela. — Bud revelava coragem considerável ao ser tão assertivo. Eric era suficientemente assustador quando estava bem disposto e tornava-se muito pior com os caninos alongados como acontecia naquele momento. Emoções fortes provocavam aquele efeito num vampiro.

— Querido — disse-lhe, esforçando-me por conter o temperamento. Rodeei-lhe a cintura com um braço e tentei novamente. — Querido, o Bud e o Truman têm a autoridade aqui e precisam de seguir as suas regras. Estou bem. — Apesar de tremer, o que, obviamente, ele também sentia.

— Sentiste medo — disse Eric. Senti a sua raiva por me ter acontecido algo que não conseguira evitar. Suprimi um suspiro por ter de controlar as emoções de Eric enquanto desejava liberdade para um colapso nervoso próprio. Os vampiros são bastante possessivos quando reclamam alguém como seu, mas também costumam mostrar-se ansiosos pela integração na população humana sem causar ondas desnecessárias. Aquela reação era exagerada.

Eric estava furioso, claro, mas, normalmente, também se mostrava bastante pragmático. Sabia que não estava ferida com gravidade. Olhei-o, intrigada. O meu grande víquingue parecia alterado há uma semana ou duas. Algo além da morte do seu criador o perturbava, mas não conseguira reunir coragem para lhe perguntar o que se passava. Permiti-me permanecer assim. Queria apenas aproveitar a tranquilidade que partilhámos durante algumas semanas.

Talvez tivesse sido um erro. Algo importante o preocupava e toda aquela raiva era um subproduto.

— Como chegou aqui tão depressa? — perguntou Bud a Eric.

— Voei — respondeu Eric, casualmente. Bud e Truman trocaram um olhar arregalado. Eric conseguia voar há (mais ou menos) mil anos e ignorou o seu espanto. Concentrava-se em mim e os caninos continuavam alongados.

Não podiam saber que Eric sentira o meu medo assim que vi a figura que corria no parque de estacionamento. Não precisara de lhe ligar quando o incidente chegou ao fim.

— Quanto mais depressa resolvermos tudo isto — disse, mostrando-lhe também os dentes num sorriso terrível —, mais depressa poderemos partir. — Tentava, de forma nada subtil, transmitir uma mensagem a Eric. Acabou por se acalmar suficientemente para perceber onde queria chegar.

— Claro, querida — disse. — Estás absolutamente certa. — Mas a sua mão tomou a minha e apertou com demasiada força. Os seus olhos estavam tão brilhantes que pareciam pequenas lanternas azuis.

Bud e Truman pareceram muito aliviados. A tensão diminuiu alguns graus. Vampiros=drama.

Enquanto Sam deixava que lhe tratassem a mão e Truman tirava fotografias do que restara da garrafa, Bud perguntava-me o que tinha visto.

— Captei um vislumbre de alguém no parque de estacionamento correndo para o edifício. A seguir, a garrafa entrou pela janela — expliquei — Não sei quem a atirou. Depois de o vidro se estilhaçar e de o fogo alastrar com os guardanapos em chamas, só vi as pessoas a tentarem fugir enquanto o Sam tentava apagar o fogo.

Bud perguntou-me a mesma coisa várias vezes e de várias formas diferentes, mas não poderia ajudá-lo mais do que já ajudara.

— Porque achas que alguém faria isto ao *Merlotte's*? E ao Sam? — perguntou.

— Não compreendo — admiti. — Tivemos aqueles manifestantes da igreja no parque de estacionamento há umas semanas atrás. Só regressaram uma vez depois disso. Não imagino nenhum deles a fabricar um... era um *cocktail Molotov*?

— Onde aprendeste o que é um *cocktail Molotov*, Sookie?

— Bom, para começar, leio livros. Em segundo lugar, o Terry não fala muito sobre a guerra, mas, de vez em quando, fala sobre armas. — Terry Bellefleur, primo do detetive Andy Bellefleur, era um veterano do Vietname condecorado e traumatizado. Limpava o bar depois de todos saírem e substituía Sam, de vez em quando. Ocasionalmente, limitava-se a passar tempo no bar, vendo as pessoas entrar e sair. Terry não tinha grande vida social.

Assim que Bud se declarou satisfeito, Eric e eu fomos para o meu carro. Tirou as chaves da minha mão trémula. Sentei-me ao lado do condutor. Estava certo. Não devia conduzir até recuperar do choque.

Eric ocupou-se com o telemóvel enquanto falei com Bud e não me surpreendeu totalmente ver um carro estacionado diante da minha casa. Era o carro de Pam. E tinha um passageiro.

Eric levou o carro para o quintal dos fundos, onde estaciono sempre, e saí para atravessar a casa a correr e abrir porta da frente. O vampiro seguiu-me sem pressas. Não trocámos uma palavra durante a curta viagem. Estava ocupado a pensar em alguma coisa e continuava a controlar o temperamento. Eu sentia-me chocada pelo incidente. Fiquei um pouco mais recomposta enquanto me dirigia ao alpendre para dizer:

— Entrem!

Pam e o passageiro saíram do carro. Era um humano jovem, talvez rondando os vinte e um, e tão magro que poderia ser descrito como esquelético. Tinha o cabelo pintado de azul e cortado de forma extremamente geométrica, como se tivesse enfiado uma caixa na cabeça, cortando o que ficara de fora. O cabelo que não coubera na caixa fora rapado.

Chamava a atenção, sem dúvida.

Pam sorriu ao ver a expressão na minha cara e apressei-me a transformá-la em algo mais hospitaleiro. Fora vampira desde que a rainha Vitória ocupara o torno inglês e servira Eric como seu braço-direito desde que este a convocara das suas deambulações pela América do Norte. Era o seu criador.

— Olá — disse ao jovem que entrava pela porta da frente. Sentia-se extremamente nervoso. Moveu o olhar para mim, afastou-o, olhou Eric e a sala em redor, como se tentasse absorvê-la. Um brilho de desprezo marcou-lhe a face bem barbeada enquanto interiorizava o amontoado de caixas numa divisão que nunca conseguia ser mais do que acolhedora quando estava limpa e arrumada.

Pam bateu-lhe na nuca.

— Responde quando falamos contigo, Immanuel! — rosnou. Mantinha-se um pouco atrás dele e isso impediu-o de ver que me piscou o olho.

— Olá — disse-me, dando um passo em frente. Torceu o nariz.

Pam disse:

— Cheiras mal, Sookie.

— Foi o fogo — expliquei.

— Podes contar-me tudo daqui a pouco — disse, erguendo as sobrancelhas pálidas. — Sookie, este homem chama-se Immanuel Ear-

nest — disse. — Corta cabelo no salão *Death by Fashion* em Shreveport. É irmão de Miriam, a minha amante.

As três frases continham muita informação. Tentei absorvê-la.

Eric olhava o penteado de Immanuel com repulsa incrédula.

— Foi este que trouxeste para corrigir o cabelo de Sookie? — perguntou a Pam. Pressionava os lábios numa linha muito rígida. Sentia o seu ceticismo pulsar pelo elo que nos unia.

— Miriam diz que é o melhor — informou Pam, encolhendo os ombros. — Não corto o cabelo há cento e cinquenta anos. Como esperas que saiba?

— Olha para ele!

Comecei a sentir-me um pouco preocupada. Mesmo levando em conta as circunstâncias, Eric estava com péssima disposição.

— Gosto das tatuagens — afirmei. — As cores são muito bonitas.

Além do penteado extremo, Immanuel estava coberto com tatuagens muito sofisticadas. Nada de «AMOR DE MÃE» ou «BETTY SUE» ou mulheres nuas. Eram desenhos intrincados e coloridos que se estendiam dos pulsos até aos ombros. Pareceria vestido mesmo quando estivesse nu. O cabeleireiro trazia uma pasta estreita em couro presa sob um dos braços esqueléticos.

— Então vais cortar as partes más? — perguntei, sorridente.

— Do teu cabelo — respondeu, com cuidado. (Não sabia ao certo se aquela clarificação seria necessária.) Olhou-me e voltou a baixar os olhos para o chão. — Tens um banco alto?

— Sim. Na cozinha — respondi. Quando reconstruíra a minha cozinha incendiada, o hábito fez-me comprar um banco alto como o que a minha avó usara para se sentar enquanto conversava ao velho telefone. O telefone novo não tinha fio e não precisava de ficar na cozinha quando o usava, mas a bancada não me parecia bem sem um banco ao lado.

As minhas três visitas seguiram-me e arrastei o banco para o centro da cozinha. O espaço chegava à justa para todos e Pam e Eric sentaram-se do outro lado da mesa. Eric fixava um olhar medonho em Immanuel e Pam esperava apenas ser entretida pelas nossas variações emocionais.

Trepei para o banco e forcei-me a manter as costas direitas. Doíam-me as pernas, sentia os olhos a arder e a garganta ameaçava provocar incómodo. Mas obriguei-me a sorrir ao cabeleireiro. Immanuel estava muito nervoso. Não era o estado de espírito aconselhável a quem manuseava uma tesoura afiada.

Retirou o elástico que prendia o meu rabo-de-cavalo. Houve um longo silêncio enquanto observava os estragos. Não estava a ter pensamentos positivos. A minha vaidade levou-me a melhor.

— Está muito mau? — perguntei, tentando impedir a voz de tremer. Começava decididamente a reagir, agora que estava segura em casa.

— Terei de tirar uns sete centímetros — disse, baixando a voz como se me comunicasse a doença terminal de um familiar.

Para minha vergonha, reagi mais ou menos como se fossem essas as notícias. Sentia lágrimas acumularem-se nos olhos e os lábios tremiam-me. «Ridículo!», disse a mim própria. Movi os olhos para a esquerda quando Immanuel pousou a pasta sobre a mesa da cozinha. Abriu-a e retirou um pente. Havia também várias tesouras presas em anéis especiais e um aparador elétrico com o fio cuidadosamente enrolado. Cuidados capilares ao domicílio.

Pam escrevia uma mensagem no telemóvel com velocidade incrível. Sorria como se a mensagem fosse bastante engraçada. Eric olhava-me fixamente, perdido em pensamentos sombrios. Não conseguia lê-los, mas percebia que se sentia muito insatisfeito.

Suspirei e forcei-me a olhar em frente. Amava Eric, mas, naquele momento, queria que pegasse na sua insatisfação e a enfiasse onde o sol nunca brilha. Senti o toque de Immanuel no meu cabelo quando começou a penteá-lo. Foi uma sensação estranha quando o pente percorreu todo o comprimento e um pequeno puxão acompanhado por um som esquisito fez-me saber que parte do meu cabelo queimado caíra ao chão.

— Está danificado além de qualquer reparação — murmurou Immanuel. — Vou cortar. Depois lavas. A seguir, corto outra vez.

— Tens de deixar este trabalho — disse Eric, abruptamente, e o pente de Immanuel parou de se mover até perceber que Eric falava comigo.

Quis atirar alguma coisa pesada ao meu querido. E quis atingi-lo no meio da sua cabeça teimosa e bonita.

— Falamos mais tarde — disse, sem olhar para ele.

— Que acontecerá a seguir? És demasiado vulnerável!

— Falamos mais tarde.

Pelo canto do olho, vi Pam virar a cara para que Eric não a visse sorrir.

— Não precisa de alguma coisa sobre os ombros? — rosnou Eric a Immanuel. — Para lhe cobrir a roupa?

— Eric — comecei —, já que cheiro a fumo e estou coberta com a mistela do extintor de incêndio, não me parece muito importante manter a roupa livre de cabelo queimado.

Eric não roncou de desprezo, mas não andou longe. Pareceu compreender que achava a sua atitude muito incômoda e calou-se, controlando-se.

O alívio foi tremendo.

Immanuel, cujas mãos se mantinham surpreendentemente seguras para alguém enfiado numa cozinha com dois vampiros (um deles bastante irritável) e com uma empregada de bar chamuscada, penteou-me até ficar com o cabelo tão liso como poderia ficar. A seguir, pegou numa tesoura. Percebia que o cabeleireiro estava completamente concentrado na sua tarefa. Descobri que Immanuel era um campeão de concentração, tendo livre acesso à sua mente.

Não demorou muito tempo. As pontas queimadas caíam ao chão como flocos de neve.

— Tens de ir tomar banho e voltar com o cabelo limpo e molhado — disse Immanuel. — Depois disso, alinho-o. Onde tens a vassoura e a pá do lixo?

Disse-lhe onde estavam e fui para o quarto, a caminho da minha casa de banho. Pensei se Eric se juntaria a mim, sabendo por experiências passadas que gostava do meu chuveiro. Da forma como me sentia, seria muito melhor se ficasse na cozinha.

Despi as roupas malcheirosas e pus água a correr tão quente como conseguiria suportá-la. Foi um alívio entrar na banheira e deixar o calor e a água fluírem sobre mim. Quando a água quente me atingiu as pernas, provocou um ardor. Durante alguns momentos, não consegui apreciar nada e nada conseguiria deixar-me feliz. Recordava apenas o medo que sentira. Mas, depois de lidar com isso, tinha algo em que pensar.

A figura que vira correr para o bar, com a garrafa na mão... não podia estar absolutamente segura, mas suspeitava que não fosse humana.







## 2

**E**nfei a roupa fedorenta e imunda num cesto na casa de banho. Teria de a deixar de molho antes de tentar lavá-la, mas não conseguia deitá-la fora antes de estar limpa e de conseguir avaliar os estragos. Não me sentia muito otimista em relação ao futuro das calças pretas. Não notara que estavam um pouco chamuscadas até as despir e perceber que a pele das coxas doridas estava rosada. Só então recordei o avental em chamas.

Enquanto examinava as pernas, percebi que poderia ter sido muito pior. As fagulhas tinham atingido o avental e não as calças e Sam fora muito rápido com o extintor. Passava a apreciar o cuidado com que verificava os extintores anualmente. Apreciava que fosse reabastecê-los ao quartel de bombeiros. Apreciava os alarmes de incêndio. Ocorreu-me um vislumbre do que poderia ter acontecido.

«Inspira fundo», disse a mim própria enquanto secava as pernas com cuidado. «Inspira fundo. Pensa em como é bom sentires-te limpa.» Fora maravilhoso libertar-me do cheiro, massajar o cabelo com champô, passá-lo por água e senti-lo novamente limpo.

Não conseguia parar de me preocupar com o que vira quando olhara pela janela do *Merlotte's*: uma figura baixa correndo para o edifício, segurando algo numa mão. Não conseguira perceber se era um homem ou uma mulher, mas estava certa de uma coisa: Era um sobrenatural e desconfiei que seria uma criatura de dupla natureza. Esta sus-

peita ganhou mais peso quando acrescentei a velocidade e a agilidade da corrida e a força e precisão do arremesso. A garrafa atingira a janela com força além do alcance de um humano e com velocidade suficiente para estilhaçar o vidro.

Não podia ter certeza a cem por cento. Mas os vampiros não gostam de lidar com o fogo. Algo na sua condição os torna particularmente inflamáveis. Seria necessário um vampiro muito confiante ou muito inconsequente para usar um *cocktail Molotov* como arma.

Bastava esse motivo para me deixar inclinada a apostar na dupla natureza do bombista. Seria um metamorfo de algum tipo. Claro que havia outros tipos de criaturas sobrenaturais, como elfos, fadas e duendes, e todos eram mais rápidos que os humanos. Senti algum pesar ao recordar que tudo acontecera demasiado depressa para me permitir sondar a mente do atacante. Teria sido decisivo porque a mente dos vampiros é sempre um grande vazio para mim, um buraco no éter, e também não consigo ler a mente das fadas, apesar de terem uma presença distinta. Consigo ler alguns metamorfos com eficácia aceitável. Outros não, mas vejo o seu padrão mental como algo quente e frenético.

Normalmente, não sou uma pessoa indecisa. Mas, enquanto me secava e penteava o cabelo molhado (estranhando que o pente terminasse a passagem pelo cabelo muito mais depressa), preocupei-me com a partilha das minhas suspeitas com Eric. Quando um vampiro nos ama, mesmo quando apenas se sente nosso proprietário, a sua noção de proteção pode ser bastante drástica. Eric adorava o confronto. Era frequente ter de se esforçar para conseguir um equilíbrio entre a manobra política mais adequada e o seu instinto de se lançar em frente brandindo uma espada. Mesmo que não o achasse capaz de atacar a comunidade de dupla natureza, a sua disposição atual recomendava que guardasse as suspeitas para mim até ter alguma prova.

Vesti as calças do pijama e uma *t-shirt* das Lady Falcons de Bon Temps. Olhei a cama com avidez antes de sair do quarto para me reunir aos estranhos ocupantes da cozinha. Eric e Pam bebiam sangue sintético engarrafado que tinha no frigorífico e Immanuel bebericava uma *Coca-Cola*. Senti-me abalada por não me ter ocorrido oferecer-lhes bebidas, mas Pam tranquilizou-me com um olhar. Encarregara-se de o fazer. Acenei-lhe com a cabeça em gratidão e disse a Immanuel:

— Estou pronta.

Ergueu o seu corpo magro da cadeira e apontou o banco.

Daquela vez, o meu novo cabeleireiro desdobrou uma cobertura de plástico fina e colocou-a sobre os meus ombros, prendendo-a à volta do pescoço. Penteou-me o cabelo, olhando-o com atenção. Tentei sorrir a Eric para lhe mostrar que não era assim tão mau, mas não consegui ser convincente. Pam olhava o telemóvel com desprazer. Uma mensagem recebida desagradara-lhe.

Aparentemente, Immanuel passara o tempo a pentear Pam. O cabelo louro pálido, liso e fino, mantinha-se afastado da sua cara graças a uma bandolete azul. Não poderia assemelhar-se mais à Alice do País das Maravilhas. Não tinha um vestido azul com saia pelos joelhos e uma bata branca, mas estava vestida de azul-claro: um vestido justo, talvez dos anos sessenta, saltos de sete centímetros e pérolas.

— Que se passa, Pam? — perguntei, apenas porque o silêncio na cozinha se tornava opressivo. — Alguém te mandou uma mensagem desagradável?

— Não se passa nada — rosnou. Tentei não me encolher. — Não se passa absolutamente nada. Victor continua a ser o nosso líder. A nossa posição não melhora. Os nossos pedidos não obtêm resposta. Onde está Felipe? Precisamos dele.

Eric fitou-a com desagrado. Ai. Não era bom sinal. Nunca os vira desentendidos com seriedade.

Pam era a única «filha» de Eric que conhecera. Afastara-se depois de passar com ele os seus primeiros anos como vampira. Saíra-se bem, mas contou-me que lhe agradou regressar para junto de Eric quando ele a convocou para o ajudar na Área Cinco depois de a anterior rainha o nomear para o cargo de xerife.

A atmosfera tensa afetava Immanuel, cuja dedicação ao trabalho ia vacilando... e o trabalho era cortar-me o cabelo.

— Acalmem-se — disse-lhes, com determinação.

— Porque há tanta tralha no teu quintal? — perguntou Pam, com um vislumbre do seu sotaque britânico original. — Para não falar da sala e do alpendre. Vais fazer uma venda de garagem? — Percebia-se que sentia orgulho por acertar na terminologia.

— Está quase — murmurou Immanuel, com a tesoura abrindo e fechando num ritmo frenético como resposta à tensão crescente

— Veio tudo do meu sótão, Pam — expliquei, feliz por poder falar sobre algo tão mundano e (com sorte) tranquilizante. — O Claude e o Dermot ajudaram-me a limpá-lo. Vou a um antiquário de manhã com o Sam... quer dizer, íamos. Não sei se quererá ir, depois do que aconteceu.

— Vês? — disse Pam a Eric. — Convive com outros homens. Vai às compras com outros homens. Que tipo de marido és tu?

Eric lançou-se sobre a mesa, estendendo as mãos para a garganta de Pam.

No segundo seguinte, reboavam os dois no chão numa tentativa séria para se ferirem um ao outro. Não sabia se Pam conseguiria tomar a iniciativa para golpear Eric, por ter sido criada por ele, mas defendia-se com vigor. A diferença entre ataque e defesa não era muito clara.

Não perdi tempo a sair do banco para escapar a danos colaterais. Pareceu-me inevitável que embatessem contra o banco e, obviamente, aconteceu no segundo seguinte. Tentei aproximar-me deles no chão, batendo com o ombro na bancada enquanto o fazia. Immanuel deu um salto para trás, de forma bastante inteligente, e, felizmente para todos, não largou a tesoura. Um dos vampiros poderia ter-se apoderado dela como arma ou o metal brilhante poderia ter-se cravado nalguma parte do meu corpo.

A mão de Immanuel segurou-me o braço com força surpreendente e puxou-me para longe. Saímos atabalhoadamente da cozinha para a sala. Mantivemo-nos de pé, ofegantes, no centro da divisão apinhada, olhando o corredor para perceber se o confronto nos seguiria.

Ouvi estrondos e um ruído persistente que depressa identifiquei como rosnados.

— É como ouvir dois pit bulls tentando matar-se — disse Immanuel. Reagia com uma calma espantosa. Agradava-me ter companhia humana.

— Não sei o que se passa com eles — disse. — Nunca os vi agir assim.

— A Pam sente-se frustrada — referiu, com uma familiaridade que me surpreendeu — Quer criar um vampiro próprio, mas há alguma regra que a impede.

Não consegui camuflar a surpresa.

— E como sabes isso? Desculpa. Fui indelicada, mas passo muito tempo com eles e nunca te vi antes.

— A Pam sai com a minha irmã. — Immanuel não pareceu ofendido pela minha franqueza, felizmente. — A Miriam. A minha mãe é religiosa — explicou. — E meio doída. A situação é esta: a minha irmã está doente e sem previsão de melhorias. A Pam quer transformá-la antes que a Mir piore ainda mais. Passará a eternidade como pele e osso se não se apressar.

Não sabia o que dizer.

— Qual é a doença da tua irmã? — perguntei.

— Tem leucemia — respondeu Immanuel. Apesar de manter a expressão casual, conseguia captar a dor que sentia, bem como o medo e a preocupação.

— Então é por isso que a Pam te conhece.

— Sim. Mas estava certa. Sou o melhor cabeleireiro de Shreveport.

— Acredito — assegurei. — E sinto muito pela tua irmã. Suponho que não te terão dito o que impede a Pam de transformar a Miriam?

— Não. Mas acho que não é o Eric a opor-se.

— Talvez não seja. — Ouviu-se um guincho na cozinha e o ruído de algo a partir. — Será que devo intervir?

— No teu lugar, deixava-os entenderem-se.

— Espero que pretendam pagar a reparação da minha cozinha — disse, esforçando-me por soar irritada em vez de assustada.

— Sabes que o Eric podia ordenar-lhe que parasse e a Pam teria de obedecer. — Immanuel soava quase casual.

Estava absolutamente certo. Como vampira transformada por Eric, Pam tinha de obedecer às suas ordens diretas. Mas, por qualquer motivo, Eric não dizia a palavra mágica. Entretanto, a minha cozinha era destruída. Quando percebi que o vampiro podia parar aquilo quando quisesse, perdi a paciência.

Apesar de Immanuel ter tentado sem sucesso segurar-me o braço, percorri o corredor batendo com os pés descalços sobre o soalho a caminho da casa de banho. Peguei no jarro que Claude usara para as limpezas, enchi-o com água fria e dirigi-me para a cozinha. (Caminhava com alguma incerteza depois da queda do banco, mas consegui continuar.) Eric estava sobre Pam, esmurrando-a. Tinha a cara ensanguentada. As mãos de Pam estavam nos seus ombros, impedindo-o de se aproximar mais. Talvez receasse ser mordida.

Posicionei-me e calculei a trajetória. Quando tive a certeza do meu cálculo, lancei água fria sobre os dois vampiros em confronto.

Daquela vez, apagava um tipo diferente de fogo.

Pam silvou como uma chaleira a ferver quando a água fria lhe ensopou a cara e Eric disse algo que me pareceu rude numa língua que desconhecia. Durante uma fração de segundo, pensei que se lançariam ambos sobre mim. Erguia-me com os pés firmemente colocados, segurando o jarro vazio. Retribuí-lhes o olhar de ódio. A seguir, virei costas e afastei-me.

Immanuel parecia surpreso por me ver regressar inteira. Abanou a cabeça. Era óbvio que não sabia se devia admirar-me ou achar-me uma idiota.

— És maluca — disse. — Mas, pelo menos, consegui que o teu cabelo ficasse com bom aspeto. Devias vir ao salão para fazer madeixas. Faço-te um desconto. Cobro mais do que qualquer outro cabeleireiro em Shreveport. — Acrescentou aquilo com pragmatismo.

— Ah. Obrigada. Vou pensar. — Exausta pelo dia longo e pelo surto de fúria (a fúria e o medo... esgotam-nos), sentei-me num canto vazio do sofá e indiquei a poltrona reclinável a Immanuel, o único outro assento que não estava coberto com objetos retirados do sótão.

Permanecemos em silêncio, tentando ouvir sinais de confronto reatado na cozinha. Para meu alívio, o ruído não recomeçou. Após alguns segundos, Immanuel disse:

— Ia-me embora, se a Pam não fosse a minha boleia. — Pareceu querer desculpar-se.

— Não te preocupes — respondi, abafando um bocejo. — Lamento não poder ir à cozinha. Poderia trazer-te mais alguma coisa para beber ou preparar alguma coisa para comeres se saíssem de lá.

Abanou a cabeça.

— A *Coca-Cola* foi suficiente, obrigado. Não como muito. Que achas que fazem? Será que fodem?

Esprei não parecer tão chocada como me sentia. Era verdade que Pam e Eric tinham sido amantes imediatamente após a transformação da vampira. Aliás, fora a própria a contar-me como apreciara essa fase do seu relacionamento, apesar de, com o passar das décadas, ter descoberto que preferia mulheres. Portanto, também havia esse pormenor. Além disso, Eric estava casado comigo, de uma forma vampira e não reconhecida universalmente e estava bastante certa de que até um casamento entre um vampiro e uma humana censuraria sexo com outro parceiro na cozinha da esposa.

Por outro lado...

— A Pam costuma preferir mulheres — disse, tentando soar mais segura do que me sentia. Quando imaginei Eric com outra pessoa, quis arrancar-lhe o seu belo cabelo louro. Pela raiz. Às mãos-cheias.

— É mais ou menos omnissexual — afirmou Immanuel. — A minha irmã e a Pam já levaram homens para a cama com elas.

— Ah, está bem. — Ergui uma mão, pedindo-lhe que parasse. Havia coisas que preferia não imaginar.

— És um pouco pudica para alguém que namora com um vampiro — considerou Immanuel.

— Sim. É verdade. — Nunca aplicara aquele adjetivo a mim própria, mas, comparada com Immanuel ou com Pam, era verdade que era mais conservadora.

Preferia achar que tinha um sentido de privacidade mais evoluído.

Finalmente, Pam e Eric entraram na sala e Immanuel e eu endireitámos as costas, sem saber o que esperar. Apesar de os dois vampiros não ostentarem qualquer expressão, a sua linguagem corporal defensiva fez-me perceber que os envergonhava a perda de controlo.

Reparei, com alguma inveja, que tinham começado já a sarar. O cabelo de Eric estava despenteado e uma manga da camisa tinha sido rasgada. O vestido de Pam estava rasgado e trazia os sapatos na mão por ter partido um salto.

Eric abriu a boca para falar, mas antecipei-me.

— Não sei qual foi o motivo disto — disse —, mas estou demasiado cansada para me importar. São os dois responsáveis por qualquer coisa que tenham partido e quero que saiam já desta casa. Retiro o convite para entrarem se for preciso.

Eric pareceu contrariado. Estava certa de que tinha planeado passar a noite ali. Mas, naquela noite, não aconteceria.

Vira faróis aproximando-se da casa e tive a certeza de que Claude e Dermot tinham chegado. Não podia ter fadas e vampiros na mesma casa ao mesmo tempo. Ambos eram fortes e ferozes, mas os vampiros achavam as fadas literalmente irresistíveis, como os gatos não resistiam à nepeta. Não estava preparada para novo confronto.

— Saíam pela porta da frente — disse, vendo que não se moviam de imediato. — Xô! Obrigada pelo corte de cabelo, Immanuel. Eric, aprecio a tua preocupação com as minhas necessidades capilares. — (Talvez tivesse dito aquilo com mais do que apenas uma pontada de sarcasmo.) — Teria sido simpático se tivesses pensado um pouco mais antes de destruíres a minha cozinha.

Sem mais demora, Pam gesticulou a Immanuel e saíram juntos, com Immanuel parecendo vagamente divertido. Pam dirigiu-me um longo olhar quando passou por mim. Percebi que seria significativo, mas, não consegui perceber o que tentava dizer-me.

Eric disse:

— Abraçar-te-ia durante o sono. Foste ferida? Sinto muito. — Parecia estranhamente neutro.

Noutra ocasião, teria aceitado aquele raro pedido de desculpas, mas não naquela noite.

— Tens de ir para casa, Eric. Falaremos quando conseguires controlar-te.

Era uma enorme desfeita para um vampiro e endireitou as costas, com os músculos retesando-se. Por um momento, achei que teria novo confronto em mãos, mas Eric acabou por sair pela porta da frente. Já no alpendre, disse:

— Falaremos em breve, esposa. — Encolhi os ombros. Naquele momento, tanto me fazia. Estava demasiado cansada e incomodada para invocar qualquer tipo de expressão carinhosa.

Pareceu-me que Eric se enfiou no carro com Pam e o cabeleireiro para regressarem a Shreveport. Era possível que estivesse demasiado dorido para voar. Que raio se passava entre os dois vampiros?

Tentei convencer-me de que não era problema meu, mas, lá no fundo, senti que era.

Claude e Dermot entraram pela porta dos fundos no momento seguinte, farejando o ar de forma teatral.

— O cheiro a fumo e a vampiros — disse Claude, revirando demoradamente os olhos. — E a tua cozinha parece ter sido visitada por um urso em busca de mel.

— Não sei como consegues aguentar — disse Dermot. — Têm um cheiro amargo e doce ao mesmo tempo. Não sei se o adoro ou detesto. — Manteve a mão sobre o nariz num gesto dramático. — E deteto também um aroma de cabelo queimado?

— Calma, rapazes — disse-lhes, fatigada. Transmitem-lhes a versão resumida do ataque ao *Merlotte's* e da luta na minha cozinha. — Só quero um abraço e que me deixem ir para a cama sem mais comentários acerca de vampiros — continuei.

— Queres que durmamos contigo, sobrinha? — perguntou Dermot, da forma floreada típica dos fae mais antigos, os que não passavam muito tempo com os humanos. A proximidade entre fadas é, em simultâneo, reparadora e tranquilizante. Mesmo tendo uma percentagem tão reduzida de sangue de fada, achei a proximidade de Claude e Dermot confortante. Não o percebera quando conhecera Claude e Claudine, a sua irmã, mas, quanto mais tempo passava com eles e quanto mais me tocavam, melhor me sentia quando estavam próximos. Quando o meu bisavô Niall me abraçava, sentia um amor puro. E, independentemente do que Niall tivesse feito ou do carácter dúbio das



suas decisões, voltei a sentir o mesmo quando tornei a estar com ele. Tive um momento de mágoa ao pensar que poderia não voltar a vê-lo, mas não me restava energia para emoções fortes.

— Obrigada, Dermot. Mas acho que será melhor dormir sozinha, esta noite. Durmam bem.

— Tu também, Sookie — disse-me Claude. A cortesia de Dermot contagiava o meu primo rabugento.

Acordei de manhã ouvindo bater à porta. Com o cabelo despen-teado e olhos mal abertos, arrastei-me pela sala e espreitei pelo óculo. Era Sam.

Abri a porta e bocejei à sua frente.

— Sam, em que posso ajudar-te? Entra.

Os seus olhos absorveram o caos na sala e percebi que forçava um sorriso.

— Ainda vamos a Shreveport? — perguntou.

— Meu Deus! — Subitamente, sentia-me mais desperta. — A última coisa em que pensei antes de adormecer ontem à noite foi que não pudesses ir por causa do incêndio no bar. Podes? Queres?

— Sim. O investigador dos bombeiros conversou com a minha companhia de seguros e começaram a tratar da papelada. Entretanto, o Danny e eu levámos para fora a mesa e as cadeiras queimadas, o Terry tem-se ocupado do chão e o Antoine restituiu a cozinha ao seu estado anterior. Já me certifiquei de que temos mais extintores prontos. — Durante um longo momento, o sorriso fraquejou. — Se tiver clientes para servir. Acho pouco provável que as pessoas venham ao *Merlotte's* se acharem que serão incineradas.

Não culparia ninguém que pensasse assim. O incidente da noite anterior não ajudava nada. Poderia acelerar o colapso do negócio de Sam.

— Têm de apanhar o responsável — disse, tentando parecer positiva. — Depois, as pessoas saberão que será seguro regressar e voltaremos a ter clientela.

Claude desceu as escadas nesse momento, olhando-nos com desagrado.

— Barulhento aqui — murmurou enquanto passava a caminho da casa de banho do corredor. Mesmo vestindo calças de ganga amarrotadas, caminhava com uma graça que chamava a atenção para a sua beleza. Sam não evitou um suspiro e abanou um pouco a cabeça enquanto os seus olhos seguiam Claude, deslizando pelo corredor fora como se tivesse rolamentos nas articulações das ancas.

— Ei — disse, depois de ouvir a porta da casa de banho fechar-se.  
— Sam! Não tem nada que tu não tenhas.

— Alguns tipos... — começou Sam, parecendo abatido. A seguir, calou-se. — Esquece.

Não podia esquecer, claro. Sobretudo porque captava diretamente no cérebro de Sam que se sentia... não exatamente invejoso, mas inquieto quanto à natureza atraente de Claude, apesar de saber tão bem como qualquer outra pessoa que era também um enorme chato.

Há anos que lia mentes masculinas e são mais parecidas com as femininas do que se possa pensar, a não ser quando falam de carros. Pensei em dizer a Sam que era bastante atraente e que agradava mais às mulheres do bar do que julgava, mas acabei por manter a boca fechada. Tinha de lhe permitir a privacidade dos seus pensamentos. Por ser metamorfo, a maior parte do que passava pela cabeça de Sam, permanecia aí... mais ou menos. Conseguia captar pensamentos esporádicos, disposições vagas, mas raramente algo mais específico.

— Vou fazer café — disse. E, quando entrei na cozinha, Sam seguia-me de perto. Estaquei. Esquecera por completo o confronto na noite anterior.

— O que aconteceu? — perguntou Sam. — Foi o Claude? — Olhou em redor, chocado.

— Não. O Eric e a Pam — disse. — Mortos vivos me... — Sam olhou-me com estranheza e ri-me enquanto começava a apanhar coisas do chão. Interrompera uma das pragas de Pam porque não me sentia assim tão horrorizada.

Não consegui impedir-me de pensar que teria sido mesmo muito simpático se Claude e Dermot tivessem arrumado a cozinha antes de se deitarem na noite anterior. Como cortesia.

Mas a cozinha não era sua.

Ergui uma cadeira e Sam arrastou a mesa para o sítio certo. Fui buscar a vassoura e a pá do lixo e varri o sal, a pimenta e o açúcar que pisava, enquanto decidia passar pelo *Wal-Mart* para substituir a minha torradeira se não me chegasse uma enviada por Eric durante aquele dia. O meu suporte de guardanapos também estava partido e era algo que sobrevivera ao incêndio ocorrido ano e meio antes. Suspirei duas vezes seguidas.

— A mesa está bem, pelo menos — considereei.

— E só há uma cadeira com uma perna partida — referiu Sam. — O Eric vai pagar a reparação ou substituição disto?

— Espero que sim — respondi, descobrindo que a cafeteira estava intacta, tal como as canecas penduradas num suporte ao lado. Não. Uma estava partida, afinal. Restavam cinco. Era suficiente.

Fiz café. Enquanto Sam levava o saco do lixo para fora, fui ao quarto para me preparar. Tomara banho na noite anterior e precisava apenas de escovar o cabelo e os dentes e de vestir calças de ganga e uma camisola das Fight Like a Girl. Não me preocupei com a maquilhagem. Sam vira-me em estados muito diversos.

— Como está o cabelo? — perguntou, quando voltei à cozinha. Dermot também lá estava. Aparentemente, tinha ido à cidade. Partilhava *donuts* frescos com Sam. Avaliando pelo ruído da água corrente, Claude estaria no duche.

Olhei a caixa de pastelaria com avidez, mas sabia muito bem que as calças começavam a apertar-me. Senti-me como uma mártir enquanto enchia uma malga com *Special K*, salpicando adoçante e acrescentando um pouco de leite magro. Notando que Sam parecia pronto a fazer um comentário, fixei nele os olhos semicerrados. Sorriu-me, mastigando um pedaço de *donut* com geleia.

— Dermot, vamos a Shreveport daqui a pouco. Se precisares de usar a minha casa de banho... — propus, porque Claude era terrível na partilha da casa de banho do corredor. Passei a malga por água no lava-louça.

— Obrigado, sobrinha — disse Dermot, beijando-me a mão. — E o teu cabelo continua glorioso, apesar de mais curto. Penso que Eric estava certo ao trazer alguém para o cortar na noite passada.

Sam abanou a cabeça enquanto entrávamos na sua carrinha.

— Sook, aquele tipo trata-te como se fosses uma rainha.

— De que tipo falas? Do Eric ou do Dermot?

— Não do Eric — disse Sam, esforçando-se por parecer neutral. — O Dermot.

— Sim. Pena que seja da família! E, além disso, parece-se demasiado com o Jason.

— Para uma fada, não será obstáculo — afirmou, com toda a seriedade.

— Só podes estar a brincar. — Subitamente, perdi toda a boa disposição. Pela expressão de Sam, percebia que não estava a brincar. — Ouve, Sam, o Dermot nem sequer me olhou uma única vez como se visse uma mulher e o Claude é *gay*. Somos apenas família. — Dormiríamos juntos na mesma cama e não houvera nada no ar além do confor-

to da sua presença apesar de, claro, me ter sentido um pouco estranha quando aconteceu pela primeira vez. Tive a certeza de que era apenas a minha habitual insegurança humana. As palavras de Sam faziam-me duvidar como louca, pensando se teria captado alguma vibração. Afinal, Claude apreciava andar nu pela casa e disse-me que tinha dormido com uma mulher. (Francamente, acreditei que teria havido outro homem envolvido na equação.)

— Volto a dizer que acontecem coisas estranhas nas famílias fae.  
— Sam voltou-se para me olhar.

— Não quero parecer rude, mas como sabes isso? — Se Sam passara muito tempo com fadas, guardara segredo.

— Li sobre o assunto depois de conhecer o teu bisavô.

— Leste sobre o assunto? Onde? — Seria excelente aprender mais sobre a minha costela de fada. Dermot e Claude tinham decidido viver afastados da sua gente (apesar de não saber a que ponto essa decisão fora voluntária), mantendo-se silenciosos acerca das suas crenças e costumes. Além de fazerem comentários depreciativos ocasionais sobre ogres e duendes, não falavam sobre a sua raça... Pelo menos, não o faziam perto de mim.

— Ah... os metamorfos têm uma biblioteca. Temos registos da nossa história e do que observámos noutros sobrenaturais. Manter um arquivo ajudou-nos a sobreviver. Há sempre um sítio a que podemos ir em cada continente, para ler sobre outras raças e estudá-las. Agora, é tudo eletrónico. Jurei não mostrar a ninguém. Se pudesse, permitiria que lesse tudo.

— Então não posso ler, mas podes falar-me disso? — Não tentava ser desagradável. A curiosidade era genuína.

— Com limites. — Sam corou.

Não queria pressioná-lo. Percebia que Sam já esticava os limites por mim.

Ocupámo-nos com pensamentos próprios durante o resto da viagem. Enquanto Eric passava o dia morto, sentia-me sozinha na minha pele e, normalmente, apreciava essa sensação. Não porque o elo com Eric me fizesse sentir possuída ou algo parecido. Mas, durante a noite, conseguia sentir a sua vida palpitando em paralelo com a minha. Sabia que trabalhava ou discutia, que se sentia satisfeito ou absorto por alguma tarefa. Era uma pequena sugestão de consciência e não um livro aberto.

— O bombista ontem — disse Sam, abruptamente.

— Sim — repliquei. — Acho que seria um metamorfo de algum tipo, não?

Acenou afirmativamente sem me olhar.

— Não foi um crime de ódio — disse-lhe, tentando soar convicta.

— Não foi um crime de ódio humano — corrigiu Sam. — Mas de certeza que foi um ódio de algum tipo.

— Económico?

— Não me ocorre nenhum motivo económico — referiu. — Tenho seguro e sou o único beneficiário se o bar for destruído por um incêndio. Claro que passaria algum tempo sem poder abrir e os outros bares da região ficariam com os meus clientes, mas não me parece que isso possa ter sido um motivo. Ou um incentivo suficiente — corrigiu. — O *Merlotte's* sempre foi uma espécie de bar familiar e não um sítio de diversão desvairada. Não como o *Vic's Redneck Roadhouse* — acrescentou, com algum azedume.

Era verdade.

— Talvez haja alguém que não goste de ti, Sam — disse, com as palavras saindo-me de forma mais desagradável que o pretendido. — Quer dizer... — acrescentei, prontamente — talvez alguém queira prejudicar-te prejudicando o teu negócio. Não a ti como metamorfo, mas como pessoa.

— Não me lembro de nada assim tão pessoal — admitiu, parecendo genuinamente intrigado.

— Hmm... A Jannalynn tem algum ex vingativo ou coisa parecida?

A ideia sobressaltou-o.

— Não ouvi falar de ninguém a quem desagrade que estejamos juntos — disse. — E a Jannalynn é mais que capaz de decidir o que quer. Não a obrigo a namorar comigo.

Custou-me reprimir o riso.

— Estou apenas a tentar pensar em todas as possibilidades — justifiquei.

— Está bem — disse. Encolheu os ombros. — Não consigo lembrar-me de ter deixado alguém verdadeiramente furioso.

Também não me ocorria nenhum incidente que o justificasse e conhecia Sam há anos.

Pouco depois, parávamos junto ao antiquário, que ocupava uma antiga loja de tintas numa rua comercial inclinada na parte mais antiga de Shreveport.

As grandes montras estavam imaculadamente limpas e as peças aí colocadas eram belíssimas. A maior era algo a que a minha avó chamaria um painel lateral de caça. Era pesado, elaborado e chegar-me-ia ao peito. A outra montra mostrava uma coleção de *jardinières*. Ou de jarras. Não sabia ao certo o que devia chamar-lhes. A do centro, posicionada para deixar claro que era a melhor peça, estava pintada de verde e azul marinhos e fora decorada com querubins. Achei-a horrenda, mas não havia dúvida de que tinha estilo.

Sam e eu observámos as peças na montra durante um momento de silêncio pensativo antes de entrarmos. Uma campainha (uma campainha real e não eletrónica) soou quando empurrámos a porta. Uma mulher sentada num banco atrás de um balcão à direita ergueu o olhar. Empurrou os óculos pelo nariz acima.

— É bom vê-lo outra vez, Sr. Merlotte — disse, sorrindo-me com a mesma intensidade. «Lembro-me de ti. Agrada-me ver-te regressar, mas não estou interessada em ti como homem.» Era boa a escolher o sorriso certo.

— Obrigada, Sra. Hesterman — disse Sam. — Esta é a minha amiga Sookie Stackhouse.

— Sejam bem-vindos à *Splendide* — disse a Sra. Hesterman. — Chamem-me Brenda, por favor. Em que posso ajudá-los?

— Temos dois assuntos a tratar — começou Sam. — Venho ver as peças de que falou no telefonema...

— E eu limpei o sótão há pouco tempo e tenho umas coisas que gostaria que vissem — expliquei. — Preciso de me livrar de alguns dos objetos que desalojei. Não quero ter de colocar tudo outra vez onde estava. — Sorri, para demonstrar boa vontade.

— A casa está na sua família há muito tempo? — perguntou, encorajando-me a dar-lhe uma pista sobre o tipo de posses que a minha família poderia ter acumulado.

— Vivemos na mesma casa há cerca de cento e setenta anos — disse-lhe, animando-a. — Mas é uma velha casa de quinta e não uma mansão. Mesmo assim, talvez algumas coisas possam ter interesse.

— Adorava dar uma vista de olhos — afirmou, mesmo que a utilização do verbo «adorar» fosse um ligeiro exagero. — Marcamos uma hora assim que ajudar o Sam a escolher um presente para a Jannalynn. É tão moderna. Quem pensaria que poderia interessar-se por antiguidades? É adorável!

Custou-me impedir o queixo de cair no chão. Conheceríamos a mesma Jannalynn Hopper?

Sam aplicou-me uma cotovelada quando Brenda se voltou para recolher um molho de chaves pequenas. A sua expressão era significativa e serenei a minha, pestanejando. Afastou o olhar, mas não antes de lhe ver um sorriso relutante.

— Sam, reuni algumas coisas que talvez agradem à Jannalynn — disse Brenda, conduzindo-nos até uma vitrina, com as chaves tilintando na mão. Estava cheia de coisas pequenas e bonitas. Não conseguia identificar a maior parte. Debrucei-me sobre o vidro para olhar.

— O que são? — Apontei alguns objetos aguçados de aparência letal com cabeças ornamentadas. Pensei se seria possível matar um vampiro com um.

— Alfinetes para chapéu e para lenços e gravatas.

Também havia brincos, anéis e broches, além de caixas esmaltadas, caixas decoradas com contas, caixas pintadas. Todos os pequenos recipientes estavam cuidadosamente dispostos. Seriam caixas de rapé? Li a etiqueta do preço que espreitava discretamente de baixo de uma caixa oval em casca de tartaruga e prata. Tive de unir os lábios com força para evitar uma exclamação de espanto.

Enquanto pensava nos objetos que examinava, Brenda e Sam comparavam os méritos de brincos de pérola *art deco* e de uma caixa para cabelo vitoriana com tampa em latão com aplicações de esmalte.

— Que te parece, Sookie? — perguntou-me Sam, olhando de um objeto para o outro.

Examinei os brincos *art deco*. Gotas de pérola penduradas de uma armação de ouro rosado. A caixa para cabelo também era bonita, apesar de não conseguir imaginar para que servia ou o que faria Jannalynn com ela. Alguém precisaria de guardar cabelo na época em que vivíamos?

— Pode usar os brincos — disse. — Será mais difícil enfeitar-se com uma caixa para cabelo. — Brenda dirigiu-me um olhar velado e percebi pelos seus pensamentos que aquela opinião me rotulava como filisteia. Assim fosse.

— A caixa para cabelo é mais antiga — disse Sam, inseguro.

— Mas muito menos pessoal. A não ser que sejas vitoriano.

Enquanto Sam comparava os dois objetos mais pequenos com as belezas de um crachá da polícia de New Bedford com setenta anos, deambulei pela loja, olhando o mobiliário. Descobri que não era uma

apreciadora de antiguidades. Decidi que seria apenas mais uma falha no meu caráter mundano. Ou talvez pensasse assim por passar o dia rodeada por antiguidades? Nada na minha casa era novo além da cozinha e apenas porque fora destruída por um incêndio. Continuará a usar o frigorífico da minha avó se as chamas não o tivessem consumido. (O frigorífico era, decididamente, uma antiguidade de que não sentia a falta.)

Abri uma gaveta longa e estreita numa peça que a etiqueta descrevia como «arca de cartografia». Continha um pedaço de papel.

— Vejam só — disse a voz de Brenda Hesterman atrás de mim. — Pensei que a tivesse limpadado por completo. Encare isto como lição, menina Stackhouse. Antes de irmos ver as suas coisas, certifique-se de que retira todos os papéis e outros objetos. Não deverá vender-nos algo por acidente de que não pretenda separar-se.

Voltei-me para ver que Sam segurava um embrulho. Enquanto me perdera em explorações, fizera a compra (os brincos, para meu alívio; a caixa para cabelo voltara ao seu lugar na vitrina).

— Vai adorar os brincos. São lindos — disse, com franqueza. Por um segundo, os pensamentos de Sam emaranharam-se, adquirindo uma tonalidade quase... púrpura. Era estranho que pensasse em cores. Seria um efeito secundário da droga xamânica que tomara para auxiliar os lobisomens? Esperei que não.

— Vou verificar tudo com muito cuidado, Brenda — disse à antiquária.

Marcámos uma visita para dali a dois dias. Assegurou-me que conseguiria encontrar a minha casa isolada com o seu GPS e adverti-a acerca do longo percurso pela floresta, que fizera vários visitantes acreditarem estar perdidos.

— Não sei se irei eu ou o Donald, o meu sócio — explicou Brenda. — Talvez possamos ir em conjunto.

— Será um prazer receber-vos — afirmei. — Se houver algum problema ou se precisarem de mudar a data, bastará avisar.

— Achas mesmo que vai gostar deles? — perguntou Sam, depois de estarmos sentados na carrinha, com os cintos postos. Voltámos a falar de Jannalynn.

— Claro — respondi, surpreendida. — Porque não gostaria?

— Não consigo libertar-me da sensação de seguir pelo caminho errado com a Jannalynn — disse Sam. — Queres parar para comer alguma coisa no *Ruby Tuesday's* de Youree?



— Claro — respondi, novamente. — Sam, porque pensas isso?  
— Gosta de mim — afirmou. — Consigo percebê-lo. Mas está sempre a pensar na alcateia.

— Achas que talvez seja mais dedicada a Alcide do que a ti? — Era aquilo que lhe captava na cabeça. Mas talvez tivesse sido demasiado direta. Sam corou.

— Sim. Talvez — admitiu.

— É uma excelente executora e ficou muito entusiasmada com a nova posição — recordei. Pensei se me teria saído com neutralidade suficiente.

— É verdade — concordou.

— Pareces gostar de mulheres fortes.

Sorriu.

— É verdade que gosto de mulheres fortes e não receio mulheres diferentes. A banalidade não me atrai.

Retribuí-lhe o sorriso.

— Dá para perceber. Não sei o que dizer sobre a Jannalynn, Sam. Seria uma idiota se não te apreciasse. Solteiro, próspero, atraente... E nem sequer palitas os dentes à mesa! Não há nada que não agrade! — Inspirei fundo, porque estava prestes a mudar de assunto e não queria ofender o meu patrão. — Sam, quanto àquele *site* que visitas... achas que consegues descobrir porque me sinto mais fada depois de passar tempo com os meus parentes? Não é possível que me esteja a transformar numa deles, pois não?

— Vou ver o que consigo descobrir — disse Sam, após um momento tenso. — Mas tentemos perguntar aos teus hóspedes. Podem partilhar informação que te ajude. Ou eu poderei espancá-los até falarem.

Falava a sério.

— hão de dizer-me. — Soava mais segura do que me sentia.

— Onde estão? — perguntou.

— Por esta hora, terão ido para o clube — respondi, após olhar o relógio. — Tratam de negócios antes da abertura.

— Então iremos para lá — disse Sam. — A Kennedy vai abrir o bar hoje e o teu turno é só à noite, certo?

— Certo — respondi, descartando os planos para a tarde, que não eram muito urgentes. Se almoçássemos no *Ruby Tuesday's*, só chegaríamos a Monroe pela uma e meia, mas conseguiria voltar a casa a tempo de me mudar para o trabalho. Depois de escolhermos, pedi licença.

Enquanto estava na casa de banho, o meu telemóvel tocou. Não atendo quando estou na casa de banho. Não quero falar com alguém e ouvir um autoclismo. Porque o restaurante era barulhento, saí para retribuir a chamada depois de acenar a Sam. O número parecia-me vagamente familiar.

— Olá, Sookie — disse Remy Savoy. — Como estás?

— Bem. Como está o meu rapzinho preferido? — Remy fora casado com a minha prima Hadley e tiveram um filho, Hunter, que iria para o infantário no outono. Depois do Katrina, Remy e Hunter tinham-se mudado para a pequena cidade de Red Ditch, onde Remy conseguira trabalho numa serração graças à ajuda de um primo.

— Está bem. Esforça-se por seguir as tuas regras. Será que te posso pedir um favor?

— Sou toda ouvidos — disse-lhe.

— Comecei a sair com uma senhora daqui chamada Erin. Pensávamos em ir ao torneio de pesca este fim de semana nos arredores de Baton Rouge. E... hmm... esperávamos que pudesses receber o Hunter. Aborrece-se quando a pesca dura mais de uma hora.

Hmm... Remy não perdera tempo. Kristen não se fora há muito e já tinha sido substituída. Conseguia perceber. Remy não era feio, era um carpinteiro hábil e tinha só um filho... além disso, a mãe de Hunter estava morta e não haveria problemas de custódia. Nada mal para uma cidade como Red Ditch.

— Remy, estou em viagem — disse-lhe. — Deixa-me ligar-te mais tarde. Tenho de verificar o meu horário.

— Ótimo. Muito obrigado, Sookie. Falamos mais tarde.

Voltei para dentro, descobrindo que a comida tinha sido servida.

— Era o pai do Hunter — disse ao meu patrão, depois de o empregado partir. — Tem uma namorada nova e queria saber se podia ficar com o miúdo durante este fim de semana.

Pareceu-me que Sam acreditava que Remy tentava aproveitar-se de mim... mas também considerava que não estava em posição de me dizer o que fazer.

— Se recordo bem o horário, trabalhas no sábado à noite — lembrou.

E a noite de sábado era quando fazia as minhas maiores gorjetas.

Acenei afirmativamente, tanto para Sam como para mim. Enquanto comíamos, falámos sobre a negociação de Terry com um criador de cães catahoulas de Ruston. Annie, a cadela de Terry, saíra do ca-

nil no seu último cio. Daquela vez, Terry tinha em mente uma gravidez mais planeada e a conversa entre os dois homens quase tinha alcançado um patamar de acordo pré-nupcial. Ocorreu-me uma pergunta e não sabia como expressá-la a Sam. A minha curiosidade levou a melhor.

— Lembras-te do gato Bob? — perguntei.

— Claro. O tipo que a Amelia transformou em gato por acidente? Foi a amiga dela, a Octavia, a transformá-lo outra vez.

— Sim. Bom, enquanto foi um gato, era branco e preto. Um gato muito bonito. A Amelia encontrou uma gata na floresta com ninhada e havia alguns gatinhos brancos e pretos e ficou... sei que isto é estranho... ficou irritada com o Bob por achar que ele... bom... tinha sido pai. Mais ou menos.

— Queres saber se é comum? É essa a tua pergunta? — Sam pareceu enojado. — Não, Sookie. Não podemos fazer isso e não queremos. Nenhum metamorfo. Mesmo que houvesse um contacto sexual, não haveria gravidez. Acho que a Amelia acusava injustamente o Bob. Por outro lado, não é... não era... um metamorfo. Foi completamente transformado pela magia. — Encolheu os ombros. Parecia muito embaraçado.

— Desculpa — sentia-me muito mal. — Não devia ter perguntado.

— Acho que será uma dúvida natural — disse Sam, de forma algo dúbia. — Mas, quando estou na minha outra pele, não tenho como objetivo gerar cachorros.

O meu embaraço tornou-se insuportável.

— Por favor, aceita o meu pedido de desculpa — implorei.

Descontraí quando percebeu o meu desconforto. Tocou-me no ombro.

— Não te preocupes. — A seguir, perguntou-me que planos tinha para o sótão agora que o esvaziara e falámos de coisas triviais até voltarmos a sentir-nos bem um com o outro.

Liguei a Remy quando seguíamos pela interestadual.

— Remy, não poderei ficar com o Hunter este fim de semana. Desculpa. — Expliquei-lhe que tinha de trabalhar.

— Não te preocupes — disse Remy. A minha recusa não pareceu incomodá-lo grandemente. — Foi só uma ideia. Ouve, odeio pedir outro favor, mas o Hunter tem de visitar o infantário na próxima semana. É só uma coisa que a escola faz todos os anos para que os miúdos conheçam o sítio para onde irão no outono. Fazem um passeio pelas

salas, conhecem os professores e veem o refeitório e as casas de banho. O Hunter perguntou-me se poderias vir connosco.

Abri a boca de espanto. Agradou-me que Remy não conseguisse ver-me.

— Presumo que seja durante o dia — disse. — Em que dia da semana?

— Na próxima terça, às duas.

Poderia fazê-lo, a não ser que tivesse o turno do almoço.

— Deixa-me conferir o horário mais uma vez. Mas acho que será possível — disse-lhe. — Ligo-te hoje à noite. — Desliguei o telemóvel e contei a Sam o segundo pedido de Remy.

— Parece-me que quis pedir-te o favor mais importante em segundo lugar para ser mais provável que aceitasses — considerou.

Ri-me.

— Não me tinha ocorrido até o dizeres. O meu cérebro funciona de forma muito linear. Mas, agora que penso nisso, parece-me... muito possível. — Encolhi os ombros. — Não me oponho. Quero que o Hunter fique feliz. E passei tempo com ele, apesar de não ter sido tanto quanto deveria ter passado. — Hunter e eu éramos parecidos de uma forma secreta. Éramos ambos telepatas. Mas era segredo nosso porque receava que o rapaz corresse perigo se a sua habilidade fosse conhecida. Não fizera nada para melhorar a minha vida.

— Então o que te preocupa? Percebo que estás preocupada — disse Sam.

— É que... vai parecer estranho. As pessoas de Red Ditch vão pensar que o Remy e eu namoramos. Que estou... perto de ser a mãe do Hunter. E o Remy acaba de me dizer que tem saído com uma mulher chamada Erin e poderá não lhe agradar... — Calei-me. Aquela visita parecia-me vagamente uma má ideia. Mas, se deixaria Hunter feliz, supus que teria de aceitar.

— Tens aquela sensação de vácuo? — O sorriso de Sam era seco. Parecia ser dia de falar sobre assuntos difíceis.

— Sim — admiti. — Tenho. Quando me envolvi na vida do Hunter, nunca imaginei que dependeria de mim para alguma coisa. Talvez por nunca ter lidado muito com crianças. O Remy tem uma tia-avó e um tio-avô em Red Ditch. Foi por isso que se mudaram para lá depois do Katrina. Tinham uma casa vazia para alugar. Mas são demasiado velhos para quererem ficar com um miúdo da idade do Hunter por mais que uma hora ou duas e o único primo está demasiado ocupado para poder ajudar.

— O Hunter é um bom miúdo?

— Sim, acho que sim. — Sorri. — Sabes o que é estranho? Quando ficou comigo, deu-se muito bem com o Claude. Foi uma grande surpresa.

Sam olhou-me.

— Mas não o deixarias com o Claude durante horas, pois não?

Após pensar por um momento, respondi:

— Não.

Sam acenou afirmativamente, como se tivesse confirmado algo em que pensara.

— Porque, afinal de contas, o Claude é uma fada? — Carregara suficientemente na entoação para que percebesse que era uma realmente uma pergunta.

As palavras soaram-me muito desagradáveis ditas em voz alta. Mas eram a verdade.

— Sim, porque o Claude é uma fada. Mas não por ser de uma raça diferente. — Esforcei-me para expressar o que queria dizer. — As fadas adoram crianças. Mas não têm as mesmas referências que a maioria dos humanos. Fazem o que julgam que deixará uma criança feliz ou o que a beneficiará e não o que um adulto cristão faria. — Fazia-me sentir pequena e provinciana admitir tudo aquilo, mas era o que realmente pensava. Senti que devia acrescentar uma série de ressalvas: «Não que me considere uma boa cristã, longe disso. Não que os não-cristãos sejam más pessoas. Não que acredite que o Claude seria capaz de magoar o Hunter.» Mas Sam e eu conhecíamos-nos há tempo suficiente para ficar segura de que tinha compreendido tudo aquilo.

— Ainda bem que pensamos da mesma forma — disse Sam. E senti-me aliviada, mas longe de me sentir confortável. Poderíamos pensar da mesma forma, mas não me agradava nada.

A primavera caminhava para o verão e o dia estava lindo. Tentei apreciá-lo durante o resto da viagem até Monroe, mas o meu sucesso foi limitado.

O meu primo Claude era proprietário do *Hooligans*, um clube de *strip* junto à interestadual à entrada de Monroe. Cinco noites por semana, oferecia o entretenimento convencional oferecido por clubes de *strip*. Encerrava às segundas. E a terça era a noite reservada ao público feminino e era quando Claude se despia. Claro que não era o único *stripper* masculino. Havia pelo menos três outros homens que atuavam regularmente em rotatividade e costumava haver também um *stripper*

convidado. O meu primo explicara-me que existia um circuito de *strip* masculino.

— Já vieste aqui vê-lo? — perguntou Sam enquanto parávamos junto à porta dos fundos.

Não era a primeira pessoa a fazer-me aquela pergunta. Começava a pensar que teria um problema qualquer por não ter sentido a necessidade de ir a Monroe ver homens a tirarem a roupa.

— Não. Já o vi nu. Nunca vim vê-lo despir-se profissionalmente. Ouvi dizer que é bom.

— Anda nu? Na tua casa?

— O recato não é uma das prioridades do Claude — expliquei.

Sam parecia simultaneamente desagradado e surpreendido, apesar do aviso que antes fizera ao referir que os fae não consideravam os familiares fora de limites no que dizia respeito a envolvimento sexuais.

— E o Dermot? — perguntei.

— O Dermot? Não me parece que se dispa — respondi, confusa.

— Também anda nu pela casa?

— Não — respondi. — Parece ser uma coisa exclusiva do Claude. Seria muito perturbador se o Dermot o fizesse, por ser tão parecido com o Jason.

— Não está certo — murmurou Sam. — O Claude precisa de manter as calças vestidas.

— Lidei com o assunto — expliquei, com a entoação fazendo Sam perceber que a situação não merecia preocupação.

Estávamos num dia de semana e o clube não abriria até às quatro da tarde. Nunca estivera no *Hooligans*, mas parecia-se com qualquer outro clube pequeno, rodeado por um parque de estacionamento de dimensões consideráveis, com paredes pintadas de azul-elétrico e com um letreiro cor-de-rosa vistoso. Os sítios de venda de álcool ou de carne viva parecem sempre um pouco tristes durante o dia, não parecem? O único outro estabelecimento próximo do *Hooligans*, agora que olhava em redor, era uma garrafeira.

Claude dissera-me o que fazer se algum dia o visitasse. O sinal secreto era uma sequência de quatro batidas na porta cuidadosamente espaçadas. Depois de o fazer, olhei o espaço circundante. O sol banhava o parque de estacionamento com uma sugestão de calor vindouro. Sam movia o peso do corpo de uma perna para a outra, nervoso. Após alguns segundos, a porta abriu-se.

Sorri, disse olá automaticamente e comecei a avançar. Foi um

choque perceber que a porta não fora aberta por um humano. Estaquei.

Presumira que Claude e Dermot seriam as únicas fadas que restariam na América contemporânea desde que o meu bisavô as levava todas para a sua dimensão própria, para o seu mundo ou lá como lhe chamavam, fechando a porta depois de passarem. Apesar de também saber que Niall e Claude comunicavam ocasionalmente, porque Niall me enviara uma carta pelas mãos de Claude. Mas impedira-me deliberadamente de fazer muitas perguntas. As minhas experiências com as fadas, com todos os fae, tinham sido igualmente encantadoras e terríveis... mas, perto do fim, essas experiências fizeram pender mais a balança para o lado terrível.

O porteiro ficou tão espantado por me ver como eu me espantei por o ver a ele. Não era uma fada, mas era fae. Conhecera fadas que tinham limado os dentes para que se aproximassem da aparência natural dos dentes daquela criatura: medindo dois centímetros, afiados, ligeiramente curvados para dentro. Não tinha orelhas pontiagudas, mas não me pareceu que tivesse sido uma operação plástica a torná-las mais lisas e redondas que as orelhas humanas. O efeito estranho era minorado pelo seu cabelo fino e abundante, de um castanho rico e macio, pendendo-lhe da cabeça com uns sete centímetros de comprimento. Não parecia um penteado, mas sim a pelagem de um animal.

— O que és? — perguntámos um ao outro ao mesmo tempo.

Teria sido engraçado... noutra universo.

— O que se passa? — perguntou Sam atrás de mim, fazendo-me saltar. Passei a porta do clube com Sam imediatamente atrás de mim e a porta de metal pesado fechou-se atrás de nós. Depois do sol brilhante, as lâmpadas fluorescentes longas que iluminavam o corredor pareciam duplamente débeis.

— Chamo-me Sookie — disse, para quebrar o estranho silêncio.

— O que és? — voltou a perguntar a criatura. Posicionávamo-nos de forma intranquila no corredor estreito.

A cabeça de Dermot espreitou por uma porta.

— Olá, Sookie — disse. — Vejo que conhecestes Bellenos. — Saiu para o corredor e percebeu a minha expressão. — Nunca tinhas visto um elfo?

— Eu não tinha. Obrigado por perguntares — murmurou Sam. Porque sabia muito mais sobre o mundo sobrenatural do que eu, percebi que os elfos seriam muito raros.

Tinha muitas perguntas sobre a presença de Bellenos, mas não sabia se tinha o direito de as colocar, sobretudo depois de ter metido a pata na poça com Sam.

— Desculpa, Bellenos. Conheci alguém, uma vez, que era meio elfo e tinha dentes como os teus. Mas conheço sobretudo fadas que os limam para ficarem parecidas. É um prazer conhecer-te — disse, com enorme esforço. — Este é o meu amigo Sam.

Sam apertou a mão de Bellenos. Eram os dois aproximadamente da mesma altura e tinham constituições físicas semelhantes, mas notei que os olhos rasgados de Bellenos eram castanho-escuros, combinando com as sardas na pele leitosa. Estavam peculiarmente afastados ou talvez a sua face tivesse as maçãs do rosto mais largas do que era normal? O elfo sorriu a Sam e captei novo vislumbre dos dentes. Estremeci e afastei o olhar.

Por uma porta aberta, vi um grande camarim. Havia uma longa bancada junto a uma parede revestida com um espelho amplamente iluminado. A bancada cobria-se com cosméticos, pincéis de maquilhagem, secadores, ferros de encaracolar e de frisar, peças de roupa guardadas, lâminas, uma revista ou duas, perucas, telemóveis... o material disperso deixado por pessoas cujo trabalho dependia da sua aparência. Alguns bancos altos dispunham-se ao acaso pelo camarim e havia sacos desportivos e sapatos por toda a parte.

— Entrem para o gabinete — disse Dermot, mais além no corredor.

Seguimos em frente e entrámos numa divisão pequena. Provocando-me uma ligeira desilusão, o exótico e belo Claude tinha um gabinete completamente prosaico (pouco espaçoso, demasiado cheio e sem janelas). Tinha uma secretária, uma mulher vestindo um fato formal da *JCPenney*. Não conseguiria parecer mais deslocada num clube de *strip*. Dermot, que se assumia evidentemente como mestre-de-cerimónias, disse:

— Nella Jean, esta é a nossa prima Sookie.

Nella Jean era morena e arredondada e os olhos cor de chocolate escuro eram quase comparáveis aos de Bellenos, apesar de os dentes terem uma normalidade tranquilizante. O seu cubículo ficava ao lado do gabinete de Claude. Pareceu-me que seria um armário convertido. Após um olhar desagradado a Sam e a mim, Nella Jean pareceu mais que pronta para se retirar para o seu espaço. Fechou a porta do gabinete com ar determinado, como se soubesse que nos preparávamos para fazer algo desagradável e não quisesse ter nada a ver connosco.



Bellenos fechou também a porta do gabinete de Claude, encerrando-nos numa divisão que teria ficado demasiado cheia apenas com duas pessoas e onde cabiam cinco com dificuldade. Ouvia música vinda do próprio clube (ou melhor, do impróprio clube) e pensei no que aconteceria. Os *strippers* ensaiavam? Que achariam de Bellenos?

— Porquê a visita surpresa? — perguntou Claude. — Não que não me encante ver-te.

Não lhe encantava minimamente ver-me, apesar de me ter convidado em mais de uma ocasião para visitar o *Hooligans*. Notava-se pelo desagrado visível nos lábios que nunca acreditara que viria visitá-lo ao clube a não ser que estivesse no palco a despir-se. «Claro. Claude tem a certeza de que todos no mundo querem vê-lo tirar a roupa», pensei. Não gostaria de visitas ou haveria alguma coisa que não queria que soubesse?

— Têm de nos explicar o que leva a Sookie a sentir-se cada vez mais fae — disse Sam, abruptamente.

Voltaram-se os três em simultâneo para olhar Sam.

Claude disse:

— Porque temos de lhe explicar tal coisa? E porque te intrometes nos assuntos da nossa família?

— Porque a Sookie quer saber e porque é minha amiga — disse Sam. A sua expressão era dura e a voz soava muito firme. — Deviam esclarecê-la acerca do que significa ter o vosso sangue em vez de se limitarem a viver na sua casa como parasitas.

Não sabia para onde olhar. Não soubera até ali que Sam se opunha tanto a que o meu primo e o meu tio-avô vivessem comigo, mas não devia ter partilhado a sua opinião. Além disso, Claude e Dermot não eram parasitas. Também compravam mercearias e limpavam meticulosamente o que sujavam. Às vezes. Era verdade que a minha conta da água aumentara (e dissera-o a Claude), mas mais nada me prejudicava financeiramente.

— Na verdade — continuou Sam, percebendo que continuavam a fitá-lo em silêncio —, vivem com ela para garantir que ficará mais fae, não é? Encorajam o fortalecimento dessa parte dela. Não sei como, mas sei que o fazem. A minha pergunta é: fazem-no apenas pelo agrado da companhia ou têm algum plano para a Sookie? Algum tipo de conspiração secreta de fadas?

As últimas palavras saíram-lhe num tom trovejante e sinistro e não na sua voz normal.

— O Claude é meu primo e o Dermot é meu tio-avô — disse automaticamente. — Não tentariam... — E calei-me, miseravelmente. Se aprendera alguma coisa nos anos anteriores, fora a não fazer suposições estúpidas. Pensar que alguém da família não me prejudicaria era uma suposição estúpida de primeira ordem.

— Venham conhecer o resto do clube — disse Claude, subitamente. Antes que pudéssemos pensar no assunto, fez-nos sair do gabinete e percorremos o corredor. Abriu a porta para o clube e Sam e eu entrámos.

Suponho que todos os clubes e bares se pareçam uns com os outros. Mesas e cadeiras, algum esforço de decoração. O balcão, um palco com varões de *stripper* e algum tipo de cabina de som. Nesse aspeto, o *Hooligans* não era diferente.

Mas todas as criaturas que se viraram para a porta quando entrámos... eram fae. Apercebi-me lenta e inevitavelmente, olhando de cara para cara. Por mais humanos que parecessem (e a maioria passaria no «exame»), cada um possuía sangue fae em proporções variadas. Uma mulher belíssima com cabelo ruivo flamejante tinha uma costela de elfo. Limara os dentes. Um homem alto e magro era algo que nunca antes encontrara.

— Bem-vinda, irmã — disse um... qualquer coisa baixo e louro. Nem sequer conseguia adivinhar o sexo. — Vieste juntar-te a nós aqui? Esforcei-me para responder.

— Não tinha planeado isso — disse. Recuei para o corredor e deixei a porta fechar-se atrás de mim. Segurei o braço de Claude. — Que raio se passa aqui? — Vendo que não respondia, voltei-me para o meu tio-avô. — Dermot?

— Sookie, querida — começou Dermot, após um momento de silêncio. — Esta noite, quando voltarmos para casa, contar-te-emos tudo o que precisas de saber.

— E ele? — perguntei, indicando Bellenos com a cabeça.

— Não estará connosco — respondeu Claude. — Bellenos dorme aqui. É o nosso vigilante noturno.

Só quem receasse um ataque precisaria de um vigilante noturno. Mais sarilhos.

Quase não conseguia suportar a possibilidade.



### 3

**E**ra verdade que tinha sido estúpida no passado. Não de forma constante, mas ocasionalmente estúpida. E errei. Podem crer que errei.

Mas, durante a viagem de volta a Bon Temps, com o meu melhor amigo a conduzir e a permitir-me o silêncio de que precisava, pensei muito. Sentia uma lágrima prestes a jorrar de cada olho. Afastei o olhar e sequei a cara com um lenço tirado da bolsa, não querendo que Sam me oferecesse a sua piedade.

Quando me recompus, disse:

— Fui uma tonta.

Para seu crédito, Sam pareceu sobressaltado.

— Em que pensas? — perguntou, para se impedir de dizer: «Em qual das ocasiões?»

— Achas que as pessoas mudam realmente, Sam?

Demorou um instante a pensar na resposta.

— É uma pergunta complicada, Sookie. As pessoas mudam até certo ponto, claro. Os viciados conseguem tornar-se suficientemente fortes para deixarem de usar aquilo em que se viciaram. Podem fazer terapia e aprender a controlar comportamentos descontrolados. Mas isso é um... sistema interno. Uma técnica de gestão aprendida imposta à ordem natural das coisas, ao que uma pessoa é realmente... um viciado. Faz sentido?

Acenei afirmativamente.

— No geral — continuou —, teria de responder que não. As pessoas não mudam, mas podem aprender a agir de outra forma. Quero acreditar no oposto. Se tiveres um argumento que me diga que estou errado, terei muito gosto em ouvi-lo. — Virámos para o caminho que conduzia à minha casa e começámos a percorrer a floresta.

— As crianças mudam enquanto crescem e adaptam-se à sociedade e às circunstâncias particulares da sua vida — disse. — Às vezes, de formas positivas, outras de formas negativas. E acho que, quando se ama alguém, se fazem esforços para suprimir hábitos que seriam desagradáveis à outra pessoa, não? Mas esses hábitos ou inclinações continuam lá. Tens razão, Sam. São outros exemplos de pessoas que sobrepõem uma reação aprendida à reação original.

Olhou-me com preocupação enquanto parávamos atrás da casa.

— Sookie, o que se passa?

Abanei a cabeça.

— Sou uma idiota tão grande — disse-lhe. Não conseguia olhá-lo na cara. Saí da carrinha. — Vais tirar o dia de folga ou vejo-te no bar mais logo?

— Vou tirar o dia todo. Ouve, precisas que fique contigo? Não percebo bem o que te preocupa, mas sabes que podemos falar. Não sei o que se passa no *Hooligans*, mas até as fadas nos contarem... estou aqui se precisares.

A oferta era sincera, mas também percebia que queria ir para casa, ligar a Jannalynn e fazer planos para a noite para poder dar-lhe a prenda que escolhera com tanto cuidado.

— Não, estou bem — disse, tranquilizando-o com um sorriso. — Tenho um milhão de coisas para fazer antes de ir trabalhar e tenho muito em que pensar. — Era um eufemismo.

— Obrigado por teres vindo a Shreveport comigo, Sookie — disse Sam. — Mas suponho que estava errado quando quis que os teus parentes falassem contigo. Avisa-me se não te explicarem nada esta noite. — Acenei-lhe enquanto a carrinha recuava de volta à Hummingbird Road para voltar à sua caravana atrás do *Merlotte's*. Sam nunca saía completamente do trabalho, mas, por outro lado, a viagem para o seu posto era muito curta.

Enquanto destrancava a porta dos fundos, ocupava-me já a fazer planos.

Apetecia-me um duche... não, um banho de imersão. Na verdade,

era encantador estar sozinha e ter Claude e Dermot fora da casa. Novas suspeitas atormentavam-me, mas era uma sensação tristemente familiar. Pensei em ligar a Amelia, a minha amiga bruxa que regressara a Nova Orleães, à sua casa reconstruída e ao seu emprego restabelecido, para lhe pedir conselhos acerca de várias coisas. Acabei por não pegar no telefone. Teria de explicar muita coisa. Essa possibilidade cansou-me o cérebro e não era a melhor forma de começar uma conversa. Talvez um *e-mail* fosse melhor. Poderia explicar tudo assim.

Coloquei óleos de banho na banheira e enfiei-me devagar na água quente, mostrando os dentes enquanto me sentava. A parte da frente das minhas coxas ainda doía um pouco. Rapei as pernas e as axilas. Cuidar de mim fazia-me sempre sentir melhor. Depois de sair, com os óleos deixando-me escorregadia como um profissional de luta livre, pinte as unhas dos pés e escovei o cabelo, sobressaltando-me novamente por estar tão curto. Mas ainda passava abaixo das omoplatas, recordei a mim própria.

Limpa e polida, vesti a farda do *Merlotte's*, lamentando ter de cobrir as unhas dos pés com meias e ténis. Tentava não pensar e conseguia atingir o objetivo .

Sobravam-me uns trinta minutos antes de sair e liguei a televisão, vendo a emissão de *Jeopardy!* gravada no dia anterior. Começáramos a ligar a televisão do bar naquele programa todos os dias porque os clientes gostavam de adivinhar as respostas. Jane Bodehouse, a nossa alcoólica mais persistente, revelou ser uma especialista em filmes antigos e Terry Bellefleur sabia muito sobre desporto. Eu conseguia responder à maior parte das perguntas sobre escritores, porque leio muito, e Sam era bastante fiável nas perguntas sobre história americana posterior a 1900. Nem sempre estava de serviço à hora do programa e começara a gravá-lo todos os dias. Agradava-me o mundo feliz de *Jeopardy!* Gostava de acertar na Pergunta Dupla do Dia e acertei naquele preciso momento. Quando o programa terminou, estava na hora de partir.

Apreciava conduzir até ao trabalho para o turno noturno quando o céu ainda não escurecera por completo. Liguei o rádio e cantei *Crazy* em coro com os Gnarlz Barkley. Compreendia muito bem a letra.

Jason passou por mim, seguindo na direção oposta, talvez a caminho da casa da namorada. Continuava a ser Michele Schubert. Porque Jason crescia finalmente, talvez construísse algo permanente com ela... se ela quisesse. O maior trunfo de Michele era o facto de não se

ter deixado prender pelo (aparentemente) extenso talento de Jason na cama. Se estivesse perdida de amores e zelosa da sua atenção, conseguia escondê-lo bem. Tirava-lhe o chapéu. Acenei ao meu irmão e vi-o sorrir-me. Parecia feliz e despreocupado. Invejei-o do fundo do coração. Havia grandes vantagens na forma como Jason encarava a vida.

A clientela do *Merlotte's* voltava a ser escassa. Não surpreendia. Um ataque bombista era péssima publicidade. E se o bar não conseguisse sobreviver? E se o *Vic's Redneck Roadhouse* continuasse a roubar clientes? As pessoas gostavam do *Merlotte's* por ser relativamente sossegado e descontraído, porque a comida era boa (ainda que com variedade limitada) e porque as bebidas eram generosas. Sam fora sempre um tipo popular até os metamorfos terem anunciado a sua existência. Pessoas que tinham lidado com os vampiros com aceitação cautelosa pareciam ver os metamorfos como a última gota de água, por assim dizer.

Fui ao armazém buscar um avental limpo e guardei a bolsa na gaveta funda da secretária de Sam. Seria agradável ter um pequeno cofre. Podia guardar lá a bolsa e uma muda de roupa para noites em que ocorriam pequenos desastres, como cerveja entornada ou um esguicho de mostarda.

Rendia Holly, que casaria com Hoyt, o melhor amigo de Jason, em outubro. Seria o seu segundo casamento e o primeiro de Hoyt. Decidiram-se por uma cerimónia na igreja e por um copo-de-água no salão da igreja. Sabia mais do que queria saber. Apesar de o casamento estar a meses de distância, Holly começara já a preocupar-se com os pormenores. Porque o primeiro casamento fora uma visita a um juiz de paz, aquela era (teoricamente) a última oportunidade de viver o seu sonho. Conseguia imaginar a opinião da minha avó acerca do vestido de noiva branco de Holly, já que tinha um rapazinho em idade escolar, mas valia tudo para deixar a noiva feliz. O branco costumava simbolizar a pureza virginal de quem o vestia. Agora, significava apenas que a noiva tinha comprado um vestido caro que não voltaria a usar e ficaria pendurado no armário depois do grande dia.

Acenei a Holly para lhe chamar a atenção. Conversava com o novo pastor batista, o irmão Carson. Vinha ao bar ocasionalmente, mas nunca pedia álcool. Holly terminou a conversa e aproximou-se de mim para me dizer o que acontecia nas nossas mesas. Não era muito. Estremeci ao ver a marca chamuscada no chão. Menos uma mesa para servir.

— Sookie — disse Holly, parando no caminho para recolher a bolsa guardada no gabinete de Sam —, vais ao casamento, certo?

— Claro. Não o perderia por nada.

— Importavas-te de servir o ponche?

Era uma honra. Não tão grande como ser dama de honor, mas era significativo, mesmo assim. Nunca esperara tal coisa.

— Com muito gosto — repliquei, sorrindo. — Voltamos a falar mais perto da data.

Holly pareceu agradada.

— Excelente. Esperemos que o negócio melhore por aqui para ainda termos trabalho em setembro.

— Vai ficar tudo bem — disse, nada convencida.

Fiquei acordada durante meia hora esperando Dermot e Claude quando cheguei a casa nessa noite, mas não vieram e não me apeteceu ligar-lhes. A conversa que me prometeram, a conversa que, supostamente, me esclareceria acerca da minha costela de fada, não aconteceria naquela noite. Apesar de querer respostas, descobri que não me incomodava muito. O dia fora demasiado preenchido. Disse a mim mesma que estava irritada e tentei ouvir a entrada das fadas, mas não passei mais de cinco minutos acordada na cama.

Quando saí do quarto na manhã seguinte, um pouco depois das nove, não vi nenhum dos indícios habituais que indicavam o regresso dos meus hóspedes. A casa de banho do corredor estava exatamente como estivera no dia anterior, não havia pratos no lava-louça da cozinha e nenhuma das luzes tinha sido deixada acesa. Saí para o alpendre fechado. Não. Nada de carro.

Talvez se tivessem sentido demasiado cansados para regressarem a Bon Temps ou talvez ambos tivessem tido sorte. Quando Claude viera viver comigo, disse-me que, se fizesse uma conquista, passaria a noite na sua casa de Monroe com o felizardo. Presumi que Dermot faria o mesmo, apesar de, pensando no assunto, nunca o ter visto com ninguém, homem ou mulher. Presumi que preferiria mulheres apenas porque se parecia com Jason, que adorava o sexo oposto. Presunções. Estúpida.

Preparei um pequeno-almoço de ovos mexidos, torradas e fruta e li um livro da Nora Roberts trazido da biblioteca enquanto comia. Há semanas que não me sentia tão recomposta. Excetuando a visita ao *Hooligans*, o dia anterior fora agradável e não ouvia as fadas em redor queixando-se da falta de pão integral ou água quente (Claude) ou

dirigindo-me cortesias floreadas quando apenas queria ler (Dermot). Era bom descobrir que ainda conseguia sentir-me bem sozinha.

Cantei no duche e maquilhei-me... a tempo de sair novamente para trabalhar no turno da manhã. Olhei a sala em redor, cansada de a ver como uma loja de velharias. Recordei que os antiquários viriam no dia seguinte.

O bar estava um pouco mais movimentado do que na noite anterior, o que me alegrou ainda mais. Kennedy estava atrás do balcão, o que me surpreendeu ligeiramente. Parecia tão bonita e perfeita como a rainha de beleza que fora, apesar de vestir calças de gangas justas e um *top* às riscas brancas e cinzentas. Éramos todas mulheres de aparência muito cuidada naquele dia.

— Onde está o Sam? — perguntei. — Pensei que viesse trabalhar.

— Ligou-me de manhã e disse que ainda estava em Shreveport — explicou Kennedy, olhando-me de lado. — Calculo que o aniversário da Jannalynn tenha corrido muito bem. Preciso de fazer horas e não me custou nada sair da cama e vir para aqui.

— Como estão os teus pais? — perguntei. — Têm-te visitado?

Kennedy esboçou um sorriso amargo.

— Continua a custar-lhes, Sookie. Continuam a desejar que fosse só uma antiga rainha de beleza dando catequese aos domingos. Mas enviaram-me um cheque generoso quando saí da prisão. É uma sorte tê-los.

As suas mãos pararam enquanto secava um copo.

— Tenho pensado — disse, hesitando logo a seguir. Esperei. Sabia o que aí vinha. — Pensava se terá sido alguém da família do Casey a atacar o bar — continuou, baixando a voz. — Alvejei-o para salvar a vida. Não pensei na família dele, na minha ou noutra coisa qualquer além da sobrevivência.

Kennedy nunca antes falara do assunto, o que compreendia muito bem.

— Quem pensaria noutra coisa além da sobrevivência, Kennedy? — perguntei, baixando a voz, mas mantendo a intensidade das palavras. Queria que percebesse a minha sinceridade absoluta. — Ninguém em seu perfeito juízo teria feito algo diferente. Acho que Deus não quereria que te deixasses ser espancada até à morte. — Apesar de não saber muito bem o que Deus quereria. Era provável que quisesse dizer: «acho que teria sido muito estúpido deixares que te matassem».

— Não me teria safado tão bem se as outras mulheres não tives-



sem avançado — disse Kennedy. — Suponho que a família saberia que espancava mulheres... mas penso se ainda me culparão. Se saberiam que estava no bar e tivessem decidido matar-me aqui.

— Alguém na família dele é metamorfo? — perguntei.

Kennedy pareceu chocada.

— Santo Deus, não! São batistas !

Tentei não sorrir, mas não consegui evitar. Após um segundo, Kennedy começou também a rir-se de si própria.

— A sério — disse. — Não me parece. Achas que foi um lobisomem a atirar a bomba?

— Ou um metamorfo de outro tipo. Sim, acho que sim, mas não digas a ninguém. O Sam já está a ser suficientemente prejudicado sem mais este pormenor.

Kennedy acenou com a cabeça em completa concordância. Um cliente pediu-me que lhe levasse o molho picante e passei a ter mais em que pensar.

A empregada que devia substituir-me ligou a dizer que o carro tinha um pneu furado e fiquei mais duas horas no *Merlotte's*. Kennedy, que ficaria até ao encerramento, chateou-me dizendo que era insubstituível até lhe bater com uma toalha. Animou-se bastante quando Danny chegou. Era óbvio que tinha ido a casa tomar novo banho e voltar a barbear-se e olhou Kennedy como se o seu mundo estivesse novamente completo enquanto se instalava no seu banco alto junto ao balcão. Disse:

— Dá-me uma cerveja e despacha-te, mulher.

— Queres que ta despeje pela cabeça abaixo, Danny?

— Tanto me faz. — E sorriram um ao outro.

Imediatamente após o anoitecer, senti o telemóvel vibrar no bolso do meu avental. Assim que pude, fui ao gabinete de Sam. Recebera uma mensagem de Eric. Dizia: «Vemo-nos + tarde». E mais nada. Mas tive um sorriso genuíno na face durante o resto do serão e, quando voltei para casa, senti-me muito feliz por ver Eric sentado no meu alpendre, mesmo que me tivesse destruído a cozinha. Trazia uma torradeira nova com ele, numa caixa com laço vermelho.

— A que devo a honra? — perguntei, fingindo-me azeda. Não era recomendável permitir que Eric percebesse que ansiava pela sua visita. Claro que o nosso elo de sangue lhe permitiria percebê-lo de alguma forma.

— Não nos temos divertido nada ultimamente — disse. Passou-me a torradeira.

— Entre o incêndio e a tua luta com a Pam? Sim, acho que tens razão. Obrigada pela torradeira, apesar de não ser a coisa mais divertida do mundo. Que tens em mente?

— Mais tarde, tenho em mente sexo espetacular, claro — disse, erguendo-se e aproximando-se de mim. — Pensei numa posição que ainda não experimentámos.

Não sou tão flexível como Eric e, na última vez em que tentámos algo verdadeiramente aventureiro, tive uma anca dorida durante três dias. Mas estava disposta a experimentar.

— Que tens em mente antes do sexo espetacular? — perguntei.

— Temos de visitar uma nova discoteca — disse, mas captei uma sugestão de preocupação na sua voz. — É isso que lhe chamam para tentar atrair clientes jovens e bonitos. Como tu.

— Onde fica essa discoteca? — Porque passara horas de pé, aquele plano não era o mais tentador. Mas há muito tempo que não nos divertíamos como casal... em público.

— Entre Bon Temps e Shreveport — disse Eric, hesitando. — Victor acaba de o abrir.

— Ah. É sensato ir lá? — perguntei, desolada. O programa proposto por Eric passara a ter apelo nulo.

Victor e Eric envolviam-se numa luta silenciosa. Victor Madden era o representante no Louisiana de Felipe, rei do Nevada, Arkansas e Louisiana. Felipe residia em Las Vegas e questionávamo-nos (Eric, Pam e eu) se teria entregado aquele grande osso a Victor apenas para afastar o vampiro ambicioso do seu território mais lucrativo. Queria muito que Victor morresse. Enviara os seus dois fiéis sequazes, Bruno e Corinna, para matar Pam e a mim, apenas como forma de enfraquecer Eric, que Felipe mantivera no cargo por ser o xerife mais produtivo do estado.

Pam e eu contrariámos o seu plano. Bruno e Corinna ficaram reduzidos a pilhas de cinza junto à interestadual e ninguém conseguiria provar que tínhamos sido nós.

Victor espalhara que oferecia uma recompensa elevada por quem pudesse dar-lhe informações sobre o paradeiro dos seus sequazes, mas ninguém avançara. Apenas Pam, Eric e eu sabíamos o que acontecera. Não poderia acusar-nos diretamente porque isso equivaleria a admitir que os tinha enviado para nos matar. Era um impasse.

Na próxima vez, Victor poderia enviar alguém mais cauteloso e cuidadoso. Bruno e Corinna foram vítimas do seu excesso de confiança.

— Não é sensato ir a esta discoteca, mas não temos escolha — respondeu Eric. — Victor ordenou-me que fosse, acompanhado pela minha esposa. Pensará que o receio se não te levar.

Pensei naquilo enquanto vasculhava o armário, tentando pensar em alguma coisa que pudesse levar a uma discoteca fina. Eric estava deitado na minha cama, com as mãos atrás da cabeça.

— Esqueci-me de uma coisa que tenho no carro — disse, subitamente, saindo pela porta fora num borrão de movimento de formas impercetíveis. Voltou segundos depois, trazendo um cabide coberto por uma proteção de plástico transparente.

— O que é? — perguntei. — Não faço anos.

— Um vampiro não pode oferecer um presente à sua amante?

Não consegui evitar o sorriso.

— Claro que pode — respondi. Adoro presentes. A torradeira fora uma substituição. Aquilo era uma surpresa. Retirei cuidadosamente a proteção de plástico. Era um vestido. Provavelmente.

— Isto... está completo? — perguntei, erguendo-o. Havia uma peça em forma de U que passava pelo pescoço e caía, à frente e atrás. O resto tinha pregas brilhantes cor de bronze, como se alguém tivesse cosido muitas fitas largas daquele metal. Não eram assim tantas. A vendedora deixara a etiqueta do preço. Tentei não olhar, fracassei e senti a boca abrir-se quando consegui interiorizar o número. Conseguiria comprar seis ou dez peças no *Wal-Mart* ou três na *Dillard's* pelo preço daquele vestido.

— Ficarás magnífica — considerou Eric. Sorriu, mostrando os caninos. — Todos me invejarão.

Quem não se sentiria bem ouvindo aquilo?

Saí da casa de banho para descobrir que Immanuel, o meu novo amigo, estava de volta. Improvisara um salão de cabeleireiro e maquilhagem na minha mesa. Era muito estranho ver outro homem no meu quarto. Immanuel parecia muito mais feliz naquela noite. Até o seu penteado parecia mais composto. Enquanto Eric o olhava atentamente como se suspeitasse que pudesse ser um assassino, o cabeleireiro esquelético ajeitou-me o cabelo e maquilhou-me. Não me divertia tanto à frente de um espelho desde a infância, brincando com Tara. Quando Immanuel acabou, parecia... brilhante e confiante.

— Obrigada — disse-lhe, pensando para onde teria ido a verdadeira Sookie.

— De nada — replicou Immanuel, mantendo-se sério. — A tua pele é ótima. Gosto de a trabalhar.

Nunca ninguém me dissera aquilo e tudo o que consegui dizer como resposta foi:

— Deixa-me um cartão, por favor. — Puxou por um e colocou-o de pé contra uma senhora de porcelana que a minha avó adorara. A justaposição deixou-me um pouco triste. Percorrera um longo caminho desde a sua morte.

— Como está a tua irmã? — perguntei-lhe, já que pensava em coisas tristes.

— Teve um dia bom, hoje — respondeu Immanuel. — Obrigado por perguntares. Apesar de não olhar Eric enquanto o dizia, percebi que este voltava a cara, com o maxilar rígido. Estava irritado.

Immanuel partiu depois de arrumar toda a sua parafernália. Procurei um sutiã e um fio dental (que odiava, mas quem quererá que se notem as cuecas com um vestido daqueles?) e comecei a vestir-me. Felizmente, tinha sapatos de salto alto pretos e bonitos. Sabia que sandálias ficariam melhores com o vestido, mas os sapatos teriam de servir.

Eric prestara atenção enquanto me vestia.

— Tão macia — disse, fazendo a mão subir pela minha perna acima.

— Ei. Se não parares com isso, não vamos à discoteca e todos estes preparativos terão sido em vão. — Chamem-me patética, mas queria que mais alguém além de Eric apreciasse o efeito integral do vestido novo, do penteado e da maquilhagem cuidada.

— Não inteiramente em vão — considerou, mas parou e vestiu a roupa formal que trouxera. Entrancei-lhe o cabelo e ateia a ponta da trança com uma fita negra. Eric parecia um pirata preparado para uma noite na cidade.

A noite em conjunto deveria fazer-nos sentir felizes e entusiasmados, ansiando pela possibilidade de dançar na discoteca. Não percebia o que Eric pensava enquanto caminhávamos até ao seu carro, mas sabia que não lhe agradava o que fazíamos e onde íamos.

Eu sentia o mesmo.

Decidi iniciar um diálogo casual com alguma conversa ligeira.

— Como corre a integração dos novos vampiros? — perguntei.

— Vêm quando devem e trabalham durante o tempo necessário — respondeu, sem qualquer entusiasmo. Três vampiros que tinham vindo parar à área de Eric depois do Katrina tinham pedido a sua permissão para permanecer na Área Cinco, apesar de quererem estabelecer um ninho em Minden e não em Shreveport.

— Qual é o problema deles? — perguntei. — Não pareces muito entusiasmado pelo acréscimo às tuas fileiras. — Sentei-me dentro do carro enquanto Eric o contornava.

— Palomino tem-se saído suficientemente bem — admitiu, contrariado, enquanto se sentava ao volante. — Mas Rubio é estúpido e Parker é fraco.

Não conhecia os três suficientemente bem para discutir aquilo. Palomino, que usava apenas um nome, era uma vampira jovem e atraente com cores bizarras. A sua pele era naturalmente morena, mas o cabelo era louro pálido. Rubio Hermosa era bonito, mas (tinha de concordar com Eric) não era muito esperto e nunca tinha grande coisa a dizer. Parker era tão marrão depois de morto como fora em vida e, apesar de ter melhorado os sistemas informáticos do *Fangtasia*, parecia recear a própria sombra.

— Queres falar da discussão entre ti e a Pam? — perguntei, depois de colocar o cinto. Em vez do *Corvette*, Eric trouxera o *Lincoln* do *Fangtasia*. Era incrivelmente confortável e, levando em conta a forma como guiava o *Corvette*, agradava-me sempre quando saíamos no *Lincoln*.

— Não — respondeu. Pareceu instantaneamente pensativo e preocupado.

Esperei que desenvolvesse.

Esperei um pouco mais.

— Está bem — disse, esforçando-me por recuperar o agrado por sair com um homem bonito. — Seja. Como queiras. Mas acho que o sexo será alguns graus menos espetacular se estiver preocupada com o que se passa entre ti e a Pam.

Aquele arrojado valeu-me um olhar severo.

— Sei que a Pam quer criar uma nova vampira — disse. — E que terá de o fazer em breve.

— Immanuel não devia ter falado — considerou Eric.

— Foi agradável ter alguém a partilhar informação comigo. Informação relacionada diretamente com pessoas de quem gosto. — Tera de lhe fazer um desenho?

— Sookie, Victor disse-me que não posso permitir que Pam crie uma vampira. — A boca de Eric fechou-se como uma armadilha para ursos depois de pisada.

Ah.

— Então os reis controlam a procriação — disse, com cautela.

— Sim. O seu controlo é absoluto. Mas compreenderás que Pam me dificulte a vida por este motivo. E Victor faz o mesmo.

— O Victor não é realmente o rei, pois não? Talvez pudesses procurar diretamente o Felipe.

— Sempre que passo sobre a autoridade de Victor, encontra forma de me castigar.

Era escusado discutir o assunto. Eric era puxado em duas direções contrárias ao mesmo tempo e seria melhor não piorar a situação.

No resto do caminho até à discoteca de Victor, que Eric disse chamar-se *Vampire's Kiss*, falámos sobre a visita dos antiquários no dia seguinte. Havia muitas coisas que gostaria de ter discutido, mas, levando em consideração a posição incrivelmente difícil de Eric, não queria focar-me demasiado nos meus problemas. Além disso, continuava a achar que não sabia tudo o que havia para saber sobre a sua situação.

— Eric — comecei, percebendo que falava de forma demasiado abrupta e com demasiada intensidade —, não me contas tudo sobre as tuas atividades. Estou certa?

— Estás certa — respondeu, sem pestanejar. — Mas é assim por muitos motivos, Sookie. O mais importante é que há coisas que apenas te preocupariam e o resto poderia pôr-te em perigo. O conhecimento nem sempre é poder. — Uni os lábios e resisti a olhá-lo. Soube que era infantil, mas não acreditava nele por completo.

Após um momento de silêncio, acrescentou.

— Há também o facto de não estar habituado a partilhar as minhas preocupações diárias com uma humana e é difícil quebrar o hábito após mil anos.

Certo. E nenhum daqueles segredos envolvia o meu futuro. Claro. Evidentemente, Eric interpretou o meu silêncio como aceitação relutante porque decidiu que o momento de tensão chegara ao fim.

— Mas tu contas-me tudo, não é, amante? — perguntou em tom provocador.

Olhei-o com severidade e não respondi.

Não era o que esperara.

— Não contas? — perguntou. Não consegui perceber tudo o que era sugerido pelo seu tom de voz. Desilusão, preocupação, uma pontada de raiva... e uma sugestão de excitação. Era muita coisa para apenas duas palavras, mas juro que estava tudo lá. — É uma reviravolta inesperada — murmurou. — E, mesmo assim, dizemos que nos amamos.

— Dizemos — concordei. — E amo-te realmente, mas começo a perceber que estar apaixonada não implica partilhar tanto como pensava.

Não respondeu.

Passámos pelo *Vic's Redneck Roadhouse* a caminho da nova discoteca e até da interestadual consegui ver que o parque de estacionamento estava cheio.

— Merda — disse. — Ali está a clientela do *Merlotte's*. Que têm eles que nós não temos?

— Entretenimento. A novidade de serem um sítio novo. Empregadas de calções justos e *tops* decotados — enumerou Eric.

— Para — disse-lhe, enojada. — Com os problemas trazidos pela exposição da dupla natureza de Sam e com tudo o resto, não sei quanto tempo mais conseguirá sobreviver o *Merlotte's*.

Captei uma sensação de agrado vinda de Eric.

— Ficarias sem emprego — disse, fingindo-se compreensivo. — Poderias trabalhar para mim no *Fangtasia*.

— Não, obrigada — repliquei, prontamente. — Odiaria ver os vampirófilos todas as noites, sempre a desejarem o que não deveriam ter. É triste e errado.

Eric olhou-me, insatisfeito com a resposta pronta.

— É assim que ganho dinheiro, Sookie, aproveitando os sonhos e fantasias perversos dos humanos. A maioria desses humanos são turistas que visitam o *Fangtasia* uma ou duas vezes antes de voltarem para Minden ou Emerson para contarem aos vizinhos a sua aventura no submundo. Ou são pessoas da base da força aérea que gostam de mostrar como são duras por beberem num bar de vampiros.

— Compreendo isso. E sei que, se os vampirófilos não vierem ao *Fangtasia*, procurarão outro sítio onde possam passar tempo com vampiros. Mas acho que não me agradaria estar nesse ambiente todas as noites. — Senti algum orgulho por trabalhar em «ambiente».

— Que farias? Se o *Merlotte's* fechasse?

Era uma boa pergunta e teria de pensar seriamente na resposta. Disse:

— Tentaria trabalhar como empregada noutra sítio. Talvez no *Crawdad Diner*. As gorjetas não seriam tão boas como no bar, mas as preocupações seriam menores. E talvez tentasse fazer um curso *online* e conseguir um diploma qualquer. Seria simpático ter mais estudos.

Houve um momento de silêncio.

— Não falaste em contactar o teu bisavô — disse Eric. — Poderia assegurar que nunca te faltasse nada.

— Não sei se conseguiria contactá-lo — admiti, surpresa. — Suponho que o Claude saberia como. Aliás, de certeza que saberia. Mas o Niall deixou bem claro que não achava boa ideia manter o contacto. — Era a minha vez de pensar. — Eric, achas que o Claude poderá ter um motivo escondido para viver comigo?

— Claro que tem. Dermot também — respondeu prontamente. — Só me surpreende que tenhas de perguntar.

Não foi a primeira vez que me senti incapaz do esforço de lidar com a minha vida. Reprimi uma onda de autocomiseração, de amargura, enquanto me forçava a analisar as palavras de Eric. Suspeitara, claro, e fora por isso que perguntara a Sam se as pessoas mudavam realmente. Claude fora sempre o mestre do egoísmo, o príncipe do desinteresse. Porque mudaria? Sentia a falta das outras fadas, sim, sobretudo porque as duas irmãs estavam mortas. Mas porque viria viver com alguém com tão pouco sangue de fada como eu (sobretudo quando fora indiretamente responsável pela morte de Claudine) a não ser que tivesse algo em mente?

A motivação de Dermot era igualmente opaca. Seria fácil supor que a personalidade de Dermot seria semelhante à de Jason por serem tão parecidos um com o outro, mas aprendera (por experiência própria, infelizmente) o que acontecia quando fazia suposições. Dermot passara muito tempo sob efeito de um feitiço, um feitiço que o deixara treloucado, mas, mesmo com a névoa mental que resultava da magia, tentava fazer o que estava certo. Pelo menos, foi o que me disse e tinha alguns indícios de que seria verdade.

Continuava a pensar na minha credulidade quando virámos para uma saída no meio de nenhures. Via-se o brilho das luzes da *Vampire's Kiss*, como seria de esperar.

— Não receias que as pessoas a caminho de Shreveport para visitar o *Fangtasia* façam o desvio quando virem este sítio? — perguntei.

— Sim.

Fizera uma pergunta parva e não levei a mal a resposta monossilábica. Eric deveria pensar no seu prejuízo económico desde que Victor comprara o edifício. Mas eu não estava preparada para lhe fazer mais concessões. Éramos um casal e deveria partilhar completamente a sua vida comigo ou deixar que me preocupasse apenas com os meus problemas. Não era fácil estar ligada a Eric. Olhei-o, percebendo como



o que sentia pareceria estúpido para um dos vampirófilos do *Fangtasia*. Eric era, sem dúvida, um dos homens mais belos que alguma vez vira. Era forte, inteligente e fantástico na cama.

Naquele momento, pairava um silêncio gelado entre aquele homem inteligente e sensual e eu e arrastou-se até estacionarmos. Foi difícil encontrar lugar, o que o deixou ainda mais irritado. Não era difícil percebê-lo.

Porque Eric fora convocado, teria sido delicado reservar-lhe um lugar para estacionar junto à porta principal... ou autorizá-lo a estacionar nas traseiras. Havia ainda a lição inevitável de que a *Vampire's Kiss* era tão movimentada que era difícil encontrar lugar para estacionar.

Au.

Esforcei-me por repelir as minhas preocupações. Precisava de me concentrar nos problemas que estávamos prestes a enfrentar. Victor não gostava de Eric nem confiava nele e o sentimento era recíproco. Desde que o Louisiana fora confiado a Victor, a posição de Eric como único sobrevivente dos subalternos de Sophie-Anne tornara-se cada vez mais precária. Sentia-me bastante segura de que conseguira não ser incomodada apenas porque Eric me ludibriara, fazendo-me casar com ele aos olhos dos vampiros.

Com os lábios formando uma linha rígida, contornou o carro para me abrir a porta. Percebi que usava o movimento como forma de examinar o parque de estacionamento à procura de ameaças. Posicionou-se de forma a ficar entre mim e a discoteca e, enquanto colocava as pernas fora do carro, perguntou:

— Quem está no parque de estacionamento, querida?

Ergui-me, de forma lenta e cuidadosa, fechando os olhos para facilitar a concentração. Cobri a sua mão com a minha, sobre a porta do carro. Na noite quente, com uma brisa ligeira soprando-me suavemente o cabelo, libertei o meu sentido especial.

— Um casal a fazer sexo a duas filas de distância — sussurrei.  
— Um homem vomitando atrás da carrinha preta no outro extremo do parque de estacionamento. Dois casais a chegar num *Escalade*. Um vampiro junto à porta do clube. Outro vampiro aproximando-se depressa.

Quando os vampiros ficam alerta, é inconfundível. Os caninos de Eric alongaram-se, o corpo ficou tenso e girou para olhar em redor.

— Mestre — disse Pam. Afastou-se da sombra de um grande utilitário desportivo. Eric descontraiu e, gradualmente, fez o mesmo. O

que tivesse feito os dois lutar em minha casa ficaria suspenso durante aquela noite.

— Vim como ordenaste — murmurou, com o vento noturno misturando-se com o som da sua voz. A sua face parecia estranhamente escura.

— Pam, avança para a luz — pedi.

Acedeu, apesar de nada a obrigar a obedecer-me.

A escuridão na pele de Pam era resultado de um espancamento. Os vampiros não ficam com nódoas negras como os humanos e recuperam depressa, mas, quando são atingidos com violência, é possível percebê-lo durante algum tempo.

— Que te aconteceu? — perguntou Eric. A sua voz estava completamente neutra. Soube que isso era muito mau sinal.

— Disse aos guardas da porta que precisava de entrar para assegurar que Victor sabia da tua chegada. Uma desculpa para garantir que o interior estava seguro.

— Impediram-te.

— Sim.

A brisa aumentou ligeiramente, dançando no ar da noite pelo parque de estacionamento de cheiro intenso. Soprou-me o cabelo e lançou-me sobre a face. Eric tinha o seu preso junto à nuca, mas Pam ergueu a mão para segurar o seu. Há meses que Eric desejava a morte de Victor e envergonhava-me dizer que sentia o mesmo. Não era apenas uma canalização da preocupação e da ira de Eric. Compreendia como a vida seria melhor para todos nós se Victor não existisse.

Afastara-me tanto do que fora outrora. Em momentos como aquele, ficava simultaneamente triste e aliviada por poder pensar na morte de Victor não apenas sem remorsos, mas também com grande minúcia. A minha determinação em sobreviver e em assegurar a sobrevivência dos que amava era mais forte do que a religião que sempre me fora tão querida.

— Temos de entrar ou mandarão alguém buscar-nos — disse Eric, por fim. E caminhámos até à porta principal em silêncio. Só nos faltava a banda sonora adequada: algo sinistro e com ritmo, ideal para a cena «os vampiros visitantes e a sua aliada humana caem numa armadilha». No entanto, a música que vinha do interior da discoteca não se adequava ao nosso pequeno drama. *Hips Don't Lie* não era propriamente música sinistra.

Passámos por um homem barbudo que molhava a gravilha junto

à porta. Consegui ver manchas de sangue escuro. Pam roncou de desprezo.

— Não é meu — murmurou.

A vampira de serviço à porta era uma morena robusta vestindo uma coleira de couro com pregos, um corpete de cabedal, um tutu (juro por Deus) e calçando botas de motociclista. Só a saia franzida não se adequava à personagem.

— Xerife Eric — disse, com sotaque carregado. — Chamo-me Ana Lyudmila. Dou-te as boas-vindas à *Vampire's Kiss*. — Não se dignou a olhar Pam e muito menos a mim. Esperava que me ignorasse, mas não se ter dirigido a Pam era um insulto, sobretudo porque Pam já tivera um encontro com os funcionários da discoteca. Era aquele tipo de comportamento que costumava fazer Pam perder as estribeiras e pareceu-me que seria essa a intenção. Se Pam se descontrolasse, os outros vampiros teriam um motivo legítimo para a matar. O alvo nas costas de Eric aumentaria de tamanho.

Naturalmente, nem sequer pensaram em mim por não conseguirem imaginar o que poderia fazer uma humana contra a sua força e velocidade. E, porque não era nenhuma super-heroína, estariam certos. Não sabia quantos vampiros teriam conhecimento de que não era inteiramente humana ou quanto se importariam se soubessem que tinha sangue de fada. Nunca tinha exibido quaisquer poderes de fada. O meu valor resumia-se à telepatia e à minha ligação com Niall. Porque Niall trocara aquele mundo pelo mundo dos fae, esperei que o meu valor diminuísse em igual proporção. Mas Niall poderia escolher regressar ao mundo humano a qualquer momento e eu era a esposa de Eric segundo o rito vampiro. O que faria Niall aliar-se a Eric num conflito aberto. Pelo menos, era esse o meu palpite. Era impossível ter certezas com fadas. Estava na altura de mostrar o meu valor.

Pousei a mão sobre o ombro de Pam. Era como acariciar uma pedra. Sorri a Ana Lyudmila.

— Olá — disse-lhe, alegre como uma animadora de claque sob efeito de anfetaminas. — Sou a Sookie. Estou casada com o Eric. Suponho que não saberias. E esta é a Pam, vampira criada pelo Eric e o seu braço-direito. Suponho que também não saberias isso. Porque, se assim não fosse, não nos saudares teria sido uma enorme falta de educação. — Continuei a sorrir-lhe.

Imitando a cara que faria se a obrigasse a engolir um sapo vivo, Ana Lyudmila disse:

— Bem-vinda, mulher humana de Eric e distinta combatente Pam. Peço desculpa por não vos ter saudado de forma adequada.

Pam fitava Ana Lyudmila como se calculasse o tempo que levaria a arrancar-lhe as pestanas uma a uma. Apliquei um toque amigável no ombro de Pam com a mão fechada.

— Tudo resolvido, Ana Lyudmila — disse-lhe. — Está tudo bem. — Pam virou o olhar para mim e custou-me não me encolher. Para aumentar a tensão, Eric fazia uma excelente imitação de um grande rochedo pálido. Dirigi-lhe um olhar carregado de significado.

Ana Lyudmila não teria conseguido espancar Pam. Não era suficientemente forte. Além disso, parecia estar bem e tinha a certeza absoluta de que um vampiro que tocasse em Pam com um dedo ostentaria algumas mazelas.

Após um segundo, Eric disse:

— Penso que o teu mestre nos espera. — O seu tom era de delicada censura. Assegurava-se de que o seu colossal autocontrolo era evidente.

Se Ana Lyudmila fosse capaz de corar, tê-lo-ia feito.

— Sim, claro — replicou. — Luis! Antonio! — Dois jovens morenos e encorpados destacaram-se da multidão. Vestiam calções de couro e calçavam botas do mesmo material. E mais nada. Os funcionários da *Vampire's Kiss* tinham, decididamente, um visual diferente. Presumi que Ana Lyudmila seguiria o seu próprio gosto, mas, ao que parecia, todos os vampiros de serviço tinham de se vestir como uma espécie de escravos sexuais trogloditas. Pelo menos, pareceu-me que seria esse o visual pretendido.

Luis, o mais alto dos dois, disse:

— Sigam-nos, por favor. — Falava com sotaque. Tinha *piercings* nos mamilos, algo que nunca antes vira e que, naturalmente, senti vontade de observar mais de perto. Mas os meus princípios ditavam que era rude olhar fixamente os atributos de alguém, por mais expostos que estivessem.

Antonio não conseguia esconder o impacto causado por Pam, mas isso não o impediria de nos matar se Victor lho ordenasse. Seguimos os gémeos *bondage* pela pista de dança apinhada. Deixem-me dizer-vos que os calções de cabedal eram muito aventureiros vistos de trás. E as fotografias de Elvis decorando as paredes eram educativas. Não era muito frequente encontrar-se uma discoteca de vampiros com temática combinando sadomasoquismo, Elvis e bordéis.

Pam também admirava a decoração, mas com a habitual diversão sardónica. Parecia haver muita coisa a passar-se na sua cabeça.

— Como estão os teus três amigos? — perguntou a Antonio. — Os que me impediram de entrar.

Sorriu, algo nervoso, e senti que os vampiros feridos não seriam os seus preferidos.

— Recebem sangue de dadores nas traseiras — disse. — Penso que o braço de Pearl estará sarado.

Enquanto seguia à minha frente pela discoteca ruidosa, Eric avaliava o espaço com uma série de olhares casuais. Era importante para ele parecer tranquilo, como se estivesse perfeitamente seguro de que o seu superior não lhe desejava qualquer mal. Percebi-o pelo nosso elo. Porque ninguém se importava comigo, era livre de olhar para onde quisesse... apesar de esperar conseguir fazê-lo com um ar adequadamente desinteressado.

Havia pelo menos vinte vampiros na *Vampire's Kiss*, mais do que Eric tinha no *Fangtasia* em qualquer momento. Havia também muitos humanos. Desconhecia a capacidade do edifício, mas estava bastante segura de que teria sido excedida. Eric estendeu o braço para trás e segurei-lhe a mão fria. Puxou-me para diante, rodeou-me os ombros com o braço esquerdo e Pam aproximou-se pela retaguarda. Estávamos em alerta laranja, ou lá o que se passasse imediatamente antes da explosão. A tensão fazia Eric vibrar como uma corda de guitarra.

E foi então que avistámos a sua origem.

Victor sentava-se ao fundo, numa espécie de cercado para VIPs, delimitado por um banco quadrado de veludo vermelho, diante do qual se centrava a habitual mesa baixa. Estava coberta com pequenas bolsas de noite, copos meio cheios e notas de dólar. Victor era decididamente o centro do grupo, cobrindo com os braços os jovens que o flanqueavam, um de cada sexo. O quadro representava o que os humanos conservadores mais temiam: o vampiro corrupto seduzindo a juventude americana, atraindo-a para orgias de bissexualidade e sangue sugado. Olhei de um dos humanos para o outro. Eram um homem e uma mulher, mas, surpreendentemente, eram semelhantes além dessa particularidade. Lendo-lhes as mentes, não tardei a aprender que ambos consumiam drogas, que ambos tinham mais de vinte e um anos e que ambos tinham experiência sexual. Senti-me um pouco triste por eles, mas sabia que não era eu a responsável. Apesar de ainda não te-

rem percebido, eram apenas adereços para Victor. A posição que ocupavam adequava-se à vaidade que sentiam.

Havia outro humano no cercado, uma jovem sentada sozinha. Envergava um vestido branco com saia completa e tinha os olhos castanhos desesperados fixos em Pam. Era óbvio que a mulher se sentia horrorizada pela sua companhia presente. Um minuto antes, teria apostado que Pam não conseguiria sentir-se mais horrorizada ou miserável, mas ter-me-ia enganado.

— Miriam — sussurrou Pam.

Cristo. Era a mulher que Pam queria transformar em vampira. Miriam seria a mulher de aspeto mais doente que alguma vez vira fora de um hospital. Mas o cabelo castanho claro estava penteado de forma festiva e fora maquilhada, apesar de os cosméticos se tornarem muito óbvios numa cara tão pálida em que até os lábios pareciam brancos.

A face de Eric não transmitia qualquer emoção, mas sentia que se esforçava por manter tranquilos a expressão e os pensamentos.

Victor mereceria vários pontos por uma emboscada perfeita.

Luis e Antonio, depois de nos entregarem, posicionaram-se na abertura do cercado VIP. Não sabia se lá estavam para impedir a nossa saída ou para impedir a entrada de mais alguém. Éramos resguardados também por efígies de Elvis recortadas em cartão que teriam tamanho natural. Não me impressionava. Tinha conhecido o próprio.

Victor saudou-nos com um belo sorriso, branco e cheio de dentes, tão brilhante como o sorriso de um apresentador de concursos.

— Eric, que prazer ver-te no meu novo investimento! Gostas da decoração? — Fez um gesto com a mão para indicar a discoteca apinhada. Apesar de não ser alto, a falta de altura não o tornava menos imponente como rei do castelo e devorava cada minuto do que acontecia. Inclinou-se para diante para erguer a bebida da mesa baixa.

Até o copo era dramático (escuro, fumado, com pé alto). Integrava-se na decoração de que tanto se orgulhava. Tê-la-ia classificado (se algum dia viesse a ter uma hipótese de a descrever a alguém; algo que, naquele momento, parecia muito improvável) como «decoração proto-bordel». Muita madeira escura, papel de parede floreado, couro e veludo vermelho. Parecia-me pesado e exagerado. Talvez fosse preconceito. As pessoas que rodopiavam na pista de dança pareciam gostar da *Vampire's Kiss*, independentemente da decoração. A banda era composta por vampiros e, obviamente, eram fantásticos. Tocavam música atual alternando com composições *rock* com influências de

*blues*. Porque os elementos da banda poderiam ter tocado com Robert Johnson e Memphis Minnie, tinham tido várias décadas para treinar.

— Estou surpreso — afirmou Eric, com voz completamente neutra.

— Perdoa as minhas maneiras! Senta-te, por favor — disse Victor. — Os meus companheiros são... Como te chamas, doçura? — perguntou à rapariga.

— Mindy Simpson — respondeu ela com um sorriso coquete. — Este é o meu marido, Mark Simpson.

Eric saudou-os com um olhar muito breve. Pam e eu nem sequer tínhamos entrado ainda no jogo conversacional e decidimos que não teríamos de responder.

Victor não apresentou a jovem pálida. Era óbvio que guardava o melhor para o fim.

— Vejo que trazes contigo a tua querida esposa — disse Victor enquanto nos sentávamos no banco longo à sua direita. Não era tão confortável como esperei que fosse e a sua largura não se ajustava ao comprimento das minhas pernas. A efígie de Elvis em tamanho natural à minha direita vestia o seu famoso fato-macaco. Que classe.

— Sim, estou aqui — disse, abatida.

— E a tua famosa assistente, Pam Ravenscroft — continuou Victor, como se nos identificasse para um microfone escondido.

Apertei a mão de Eric. Não conseguia ler-me os pensamentos, o que (apenas naquele momento) me pareceu uma pena. Passava-se muita coisa ali de que não tínhamos conhecimento. Aos olhos dos vampiros, como mulher de Eric, era vista apenas como se fosse a sua concubina número um. O título de «esposa» conferia-me estatuto de proteção, determinando em teoria que seria intocável para outros vampiros e para os seus servos. Não me orgulhava de ser uma cidadã de segunda classe, mas, quando percebi porque Eric me atraía para aquela relação contra minha vontade, acabei por me reconciliar gradualmente com a situação. Estava na altura de oferecer a Eric algum apoio como retribuição.

— Há quanto tempo abriste a *Vampire's Kiss*? — Sorri ao odioso Victor. Tinha anos de experiência parecendo feliz quando não estava e era a rainha da conversa de circunstância.

— Não viste a publicidade que fiz? Apenas há três semanas, mas, até agora, tem sido um sucesso — explicou, quase sem me olhar. Eu não lhe interessava absolutamente nada como pessoa. Nem sequer se

interessava sexualmente por mim. Acreditem que consigo reconhecer os sinais. Interessava-se muito mais por mim como criatura cuja morte feriria Eric. Por outras palavras, a minha ausência seria mais eficaz que a minha presença.

Já que se dignava a falar comigo, decidi aproveitar.

— Passas muito tempo aqui? Surpreende-me que não precisem de ti em Nova Orleães com maior frequência.. — Em cheio! Esperei a resposta, mantendo o sorriso.

— Sophie-Anne achou adequado basear-se permanentemente em Nova Orleães, mas vejo a minha gestão mais como um governo itinerante — afirmou Victor, satisfeito consigo mesmo. — Gosto de manter mão firme sobre tudo o que se passa no Louisiana, sobretudo porque sou apenas um regente, governando o estado para Felipe, o meu estimado rei. — O seu sorriso tornou-se verdadeiramente feroz.

— Parabéns pela elevação a regente — disse Eric, como se nada pudesse ser mais desejável.

Havia muito fingimento dentro daquele edifício. Tantas correntes escondidas poderiam afogar alguém e talvez nos acontecesse a nós.

— Muito obrigado — replicou Victor, num tom selvagem. — Sim, Felipe decretou que deveria usar o título de «regente». É muito invulgar que um rei reúna tantos territórios como Felipe e não apressa decisões quanto ao que fazer. Decidiu guardar todos os títulos régios para si.

— E também serás regente do Arkansas? — perguntou Pam. Ouvindo a sua voz, Miriam Earnest começou a chorar. Conseguia fazê-lo de forma tão discreta como qualquer mulher conseguiria, mas nenhum choro será silencioso. Pam não olhou em sua direção.

— Não — respondeu Victor, cuspiendo a palavra. — A honra coube a Rita Rubra.

Não fazia ideia de quem seria Rita Rubra, mas tanto Eric como Pam pareciam impressionados.

— É uma grande lutadora — disse-me Eric. — Uma vampira forte. É uma boa escolha para reconstruir o Arkansas.

Ótimo . Talvez pudéssemos mudar-nos para lá.

Não conseguia ler pensamentos de vampiros, mas não precisava de o fazer naquele momento. Bastava olhar a face de Victor para compreender que desejara o título de rei. Ansiara por ele. Esperara governar os dois novos territórios de Felipe. A sua desilusão enfurecera-o e focava essa fúria em Eric, o maior alvo ao seu alcance. Provocar Eric e invadir o seu território não seria suficiente.



E era por isso que Miriam estava ali sentada naquela noite. Tentei entrar-lhe na mente. Tateando discretamente, encontrei uma espécie de neblina branca. Fora drogada, apesar de não saber que tipo de droga fora usada, se acedera ou tivera de ser coagida.

— Sim, claro — disse Victor, puxando-me de volta ao presente. Durante a minha tentativa de ler os pensamentos de Miriam, os vampiros tinham-se mantido no assunto de Rita Rubra. — Enquanto se instala aqui ao lado, achei que seria adequado desenvolver a parte do Louisiana que faz fronteira com o seu território. Abri o estabelecimento humano e também este. — Victor quase ronronava.

— És o dono do *Vic's Redneck Roadhouse* — disse, sem pensar. Claro! Devia ter percebido. Victor tentaria *compilar* os motivos para eu desejar a sua morte? Naturalmente, a economia não deveria ser uma questão de vida ou de morte, mas, com demasiada frequência, estabelecia-se uma ligação.

— Sim — respondeu, sorrindo-me. Parecia tão feliz como um Pai Natal de centro comercial. — Já lá foste? — Voltou a colocar o copo sobre a mesa.

— Não. Tenho tido muito trabalho — disse-lhe.

— Mas ouvi dizer que o negócio decaiu no *Merlotte's*. — Victor tentou um olhar de falsa preocupação e abandonou-o. — Se precisares de um emprego, Sookie, posso falar de ti ao meu gerente do *Redneck Roadhouse*... a não ser que prefiras trabalhar aqui. Seria muito divertido!

Precisei de inspirar fundo. Houve um longo momento de silêncio. Durante esse momento, tudo ficou suspenso.

Com um controlo extraordinário, Eric prendeu a raiva atrás de uma parede, pelo menos temporariamente. Disse:

— Sookie está satisfeita com o seu emprego atual, Victor. Se não estivesse, viria viver comigo e talvez trabalhasse no *Fangtasia*. É uma mulher americana moderna e está habituada a sustentar-se a si própria. — Parecia orgulhar-se da minha independência, mesmo que soubesse que não era verdade. Não conseguia perceber porque insistia em trabalhar. — Já que discutimos as minhas associadas femininas, Pam disse-me que a disciplinaste. Não é habitual disciplinar o braço-direito de um xerife. Certamente, tal direito caberá ao seu mestre. — Eric permitiu que a voz se elevasse muito ligeiramente.

— Não estavas presente — protestou Victor, gentilmente. — Demonstrou profundo desrespeito para com os meus porteiros ao insistir

entrar antes de ti para fazer uma verificação de segurança, como se permitíssemos que alguma coisa no nosso estabelecimento ameaçasse o nosso xerife mais poderoso.

— Pretendias discutir outros assuntos? — perguntou Eric. — Não que não seja maravilhoso ver o que fizeste aqui. No entanto... — Não terminou a frase, como se fosse demasiado educado para dizer: «tenho coisas melhores para fazer».

— Com certeza. Obrigado por me recordares — disse Victor. Debruçou-se para erguer o copo cinzento fumado de pé alto, que um empregado voltara a encher até ao topo com líquido vermelho escuro. — Perdoa-me não te ter oferecido ainda uma bebida. Um pouco de sangue, Eric? Pam?

Pam aproveitara a conversa entre os dois para olhar Miriam, que parecia prestes a cair... sem conseguir voltar a erguer-se. Afastou o olhar da jovem e fixou-o em Victor. Abanou a cabeça sem dizer nada.

— Obrigado pela oferta, Victor — começou Eric —, mas...

— Sei que me acompanharás num brinde. A lei impede-me que te ofereça o sangue de Mindy ou Mark por não estarem registados como dadores. Sou um grande cumpridor da lei. — Sorriu a Mindy e Mark, que retribuíram o sorriso. Imbecis. — Sookie, o que queres beber?

Eric e Pam eram obrigados a aceitar a oferta de sangue sintético, mas, porque era apenas humana, ser-me-ia permitido insistir que não tinha sede. Se me oferecesse um bife grelhado no churrasco com tomates verdes fritos, diria que não tinha fome.

Luis fez sinal a um dos empregados e o homem desapareceu, reaparecendo com *TrueBlood*. As garrafas vinham sobre um grande tabuleiro, juntamente com copos sinistros e requintados condizendo com o de Victor.

— Estou certo de que as garrafas não apelarão ao vosso sentido estético — disse Victor. — Ofendem o meu.

Como todos os empregados, o homem que trouxe as bebidas era humano, um tipo bonito com uma tanga de cabedal (ainda mais pequena que os calções de Luis) e botas altas. Uma espécie de roseta presa à tanga dizia «Colton». Os olhos eram de um cinzento surpreendente. Quando colocou o tabuleiro sobre a mesa, transferindo as bebidas, pensava em alguém chamado Chic ou Chico... e, quando me olhou diretamente, pensou: «Sangue de fada nos copos. Não deixes que os teus vampiros bebam.»

Olhei-o durante um longo momento. Conhecia-me. E eu passava

a saber também algo sobre ele. Ouvira falar do meu talento, conhecimento comum na comunidade sobrenatural, e acreditara no que ouvira.

Colton baixou o olhar.

Eric rodou a tampa para abrir a garrafa, erguendo-a para verter o conteúdo no copo.

«NÃO», pensei. Não podíamos comunicar por telepatia, mas enviei-lhe uma onda de negação e esperei que a captasse.

— Ao contrário de ti, não tenho nada contra o engarrafamento americano — disse Eric delicadamente, erguendo a garrafa até aos lábios. Pam imitou-o.

Um vislumbre de irritação passou pela face de Victor tão depressa que teria pensado ser imaginário se não o observasse com tanta atenção. O empregado de olhos cinzentos partiu.

— Viste o teu bisavô recentemente, Sookie? — perguntou Victor como se me dissesse: «Apanhei-te!»

Era inútil fingir que desconhecia a minha ligação às fadas.

— Não o vejo há algumas semanas — respondi, com cautela.

— Mas tens duas criaturas como tu vivendo na tua casa.

Não era informação secreta e estava bastante segura de que tinha sido Heidi, a nova vampira de Eric, a contar a Victor. Não tivera hipótese. Era a desvantagem de viver próxima de parentes humanos que ainda amava.

— Sim, o meu primo e o meu tio-avô ficarão comigo durante algum tempo. — Orgulhei-me da entoação quase entediada.

— Pensei se poderias esclarecer-me sobre o estado da política das fadas — admitiu Victor, prontamente. Mindy Simpson, cansada de conversas que não a incluíam, começou a fazer beicinho. Não era recomendável.

— Não. Mantenho-me longe da política — expliquei-lhe.

— Ah sim? Mesmo depois do que te aconteceu?

— Sim, mesmo depois do que me aconteceu — respondi, secamente. Queria mesmo muito falar do meu rapto e tortura. Era um excelente tópico de conversa para festas. — Não sou um animal político.

— Mas és um animal — considerou Victor.

Houve um momento de silêncio gelado. No entanto, se Eric morresse tentando matar aquele vampiro, não seria por me ter insultado. Não permitiria que acontecesse.

— É verdade — concordei, retribuindo-lhe o sorriso. — Sangue

quente e a respirar. Até poderia produzir leite. Sou uma mamífera completa.

Victor semicerrou as pálpebras. Talvez tivesse ido longe demais.

— Há mais algum assunto a discutir, regente? — perguntou Pam, adivinhando que Eric se sentiria demasiado furioso para falar. — De bom grado ficarei enquanto desejares ou enquanto as minhas palavras te agradarem, mas terei de trabalhar no *Fangtasia* esta noite e o meu mestre tem uma reunião. Ao que parece, a minha amiga Miriam bebeu demais e levá-la-ei comigo para casa. Não será nada que uma noite de sono não resolva.

Victor olhou a mulher pálida como se apenas notasse a sua presença naquele momento.

— Ah. Conhece-la? — perguntou, de forma displicente. — Sim, penso que alguém mo terá referido. Eric, é esta a mulher que me disseste que Pam queria transformar? Lamento ter recusado. Até porque me parece que não lhe restará muito tempo de vida.

Pam permaneceu completamente imóvel.

— Podes ir — disse Victor, exagerando o ar desinteressado. — Já vos transmiti as notícias sobre a minha regência e já apreciaram a minha magnífica discoteca. Ah, estou a pensar abrir um salão de tatuagens e talvez um escritório de advogados, mesmo que o vampiro em que pensei para o posto precise de estudar direito moderno. Obteve o seu diploma em Paris no século XIX. — O sorriso indulgente de Victor desapareceu por completo. — Sabem que, como regente, tenho o direito de abrir negócios no território de qualquer xerife? Todo o dinheiro das novas discotecas virá diretamente para mim. Espero que o teu lucro não sofra muito com isso, Eric.

— De todo — retorquiu Eric. (Não me pareceu que as suas palavras tivessem algum significado real.) — Todos integramos o teu território, mestre. — Se a sua voz fosse um lençol estendido, o vento tê-lo-ia feito estalar por estar tão seco.

Erguemo-nos mais ou menos em unísono e baixámos as cabeças na direção de Victor. Dispensou-nos com um gesto da mão e curvou-se para beijar Mindy Simpson. Mark aproximou-se do outro lado do vampiro para lhe pousar a cabeça sobre o ombro. Pam dirigiu-se até Miriam Earnest e curvou-se sobre a rapariga para a rodear com um braço, ajudando-a a erguer-se. De pé e apoiada por Pam, Miriam concentrou-se em chegar à porta e sair dali. Podia ter a mente toldada, mas os olhos gritavam por ajuda.

Sáimos da discoteca em silêncio sinistro (pelo menos no que dizia respeito à nossa conversa, já que a música não dava mostras de acalmar), escoltados por Luis e Antonio. Os irmãos passaram a robusta Ana Lyudmila e seguiram-nos até ao parque de estacionamento, o que me surpreendeu.

Depois de passarmos a primeira fila de carros, Eric voltou-se para eles. Não era coincidência que o *Escalade* volumoso ficasse entre Ana Lyudmila e o nosso pequeno grupo.

— Têm alguma coisa a dizer-me? — perguntou-lhes, com voz tranquila. Como se percebesse naquele momento que tinha saído da *Vampire's Kiss*, Miriam gemeu e começou a chorar. Pam abraçou-a.

— A ideia não foi nossa, xerife — disse Antonio, o mais baixo dos dois. Os seus abdominais oleados reluziram sob as luzes do parque de estacionamento.

Luis continuou:

— Somos leais a Felipe, o nosso verdadeiro rei, mas não é difícil servir Victor. Foi uma noite má aquela em que fomos enviados para o Louisiana em seu serviço. Depois do desaparecimento de Bruno e Corinna, não encontrou ninguém para os substituir. Nenhum braço-direito forte. Viaja constantemente, tentando vigiar todos os cantos do Louisiana. — Abanou a cabeça. — Não temos gente suficiente. Tem de se fixar em Nova Orleães para reforçar a posição dos vampiros na cidade. Não precisamos de andar por aqui, vestidos com pedaços de cabedal que quase não conseguem cobrir-nos o traseiro, roubando lucro ao teu bar. Reduzir a metade o rendimento disponível não é uma decisão financeira razoável e os custos iniciais foram severos.

— Se tentam convencer-me a trair o meu novo mestre, escolheram o vampiro errado — disse Eric. Tentei impedir a boca de ficar escancarada. Pareceu-me perfeito ouvir Luis e Antonio manifestarem o seu descontentamento, mas, obviamente, voltara a não pensar tão bem como deveria...

Pam disse:

— Calções de cabedal parecem-me maravilhosos por comparação com os tecidos sintéticos pretos que tenho de usar. — Segurava Miriam, mas não a olhava, como se quisesse que todos esquecessem que ali estava.

A queixa acerca do guarda-roupa não era despropositada, mas não deixava de ser irrelevante. Pam mostrara-se sempre muito pragmática. Antonio fixou nela um olhar de desprezo e desilusão.

— Diziam-me que eras tão feroz — murmurou. Olhou Eric. — E que tu eras tão arrojado. — Voltaram-se os dois e regressaram para a discoteca.

Depois daquilo, Pam e Eric começaram a mover-se rapidamente, como se tivéssemos um prazo para sair da propriedade.

Pam ergueu Miriam e correu para o carro de Eric. Eric abriu a porta traseira e Pam instalou a sua namorada no interior, entrando logo a seguir. Percebendo que a rapidez era recomendável, enfiei-me no banco ao lado do condutor e coloquei o cinto em silêncio. Olhei para trás, vendo que Miriam perdera os sentidos imediatamente após perceber que estava segura.

Enquanto o carro deixava o parque de estacionamento, Pam começou a rir e Eric esboçou um amplo sorriso. Fiquei demasiado sobressaltada para lhes perguntar qual era a graça.

— Victor não consegue conter-se — disse Pam. — Exibindo a minha pobre Miriam.

— E a oferta impagável dos gémeos de cabedal!

— Viste a cara de Antonio? — perguntou Pam. — Francamente... Não me divertia tanto desde que mostrei os caninos àquela velha que se queixou da cor com que pintei a casa!

— Vai dar-lhes algo em que pensar — considerou Eric. Olhou-me, com os caninos reluzindo. — Foi um belo momento. Não acredito que tenha julgado que cairíamos naquela.

— E se o Antonio e o Luis estivessem a ser sinceros? — perguntei. — E se Victor tivesse sugado o sangue de Miriam ou a tivesse transformado pessoalmente? — Voltei-me no banco para olhar Pam.

Olhava-me quase com piedade, como se fosse uma romântica sem remédio.

— Não poderia — respondeu. — Teve-a a seu lado num local público, tem muitos parentes humanos e saberá que o mataria se o fizesse.

— Não se te matassem primeiro — afirmei. Eric e Pam pareciam não respeitar como eu as táticas letais de Victor. Pareciam ter uma confiança quase louca. — E porque estão tão seguros de que o Antonio e o Luis inventavam aquilo tudo apenas para verem como reagiriam?

— Se estavam a ser sinceros, voltarão a contactar-nos — disse Eric, secamente. — Não têm outro recurso, se tiverem procurado Felipe sem conseguir convencê-lo. Suspeito que não teriam conseguido. Diz-me, querida, qual era o problema das bebidas?

— O problema foi que esfregou o interior dos copos com sangue

de fada — expliquei. — O empregado humano, o tipo dos olhos cinzentos, avisou-me.

E os sorrisos desapareceram como se alguém tivesse pressionado um interruptor. Tive um momento de desagradável satisfação.

O sangue de fada puro é inebriante para os vampiros. Seria imprevisível o que Pam ou Eric fariam se tivessem bebido dos copos. E teriam engolido o conteúdo tão depressa como pudessem porque o cheiro é tão cativante como a própria substância.

Fora uma tentativa de envenenamento bastante subtil.

— Não acredito que aquela quantidade pudesse ter levado qualquer um de nós a perder o controlo — considerou Pam. Mas não parecia absolutamente convicta.

Eric arqueou as suas sobrancelhas louras.

— Foi uma experiência cautelosa — disse-lhe, pensativo. — Poderíamos ter atacado alguém na discoteca ou poderíamos ter atacado Sookie por ter aquela interessante percentagem de sangue de fada. De qualquer forma, a nossa reputação estaria arruinada. Poderíamos ser presos. Foi excelente que nos tenhas impedido, Sookie.

— Consigo ser útil — disse, suprimindo a pontada de medo provocada por imaginar Eric e Pam lançando-se sobre mim, desvairados pelo sangue de fada nas minhas veias.

— E és a mulher de Eric — referiu Pam, em voz baixa.

Eric fitou-a com desagrado pelo espelho retrovisor.

O silêncio que caiu foi tão pesado que desejei ter uma faca para o cortar. Aquele desentendimento secreto entre Pam e Eric era igualmente perturbador e frustrante. E colocar as coisas nestes termos era o eufemismo do ano.

— Há alguma coisa que queiram dizer-me? — perguntei, receando a resposta. Mas qualquer coisa seria melhor que a ignorância.

— Eric recebeu uma carta... — começou Pam. Antes que conseguisse perceber o movimento, Eric voltara-se, estendera um braço e apertava-lhe a garganta. Porque o carro continuava em movimento, guinchei de horror.

— Olha para a frente, Eric! Não comecem outra vez — pedi. — Digam-me de uma vez por todas!

Eric continuava a segurar Pam com a mão direita de forma que a teria estrangulado se precisasse de respirar. Segurava o volante com a esquerda e parámos na berma da estrada. Não via trânsito no sentido contrário e também não havia luzes atrás de nós. Não percebia se o

isolamento me fazia sentir bem ou mal. Eric voltou a olhar a vampira que criara e tinha os olhos tão brilhantes que quase lançavam chispas. Disse:

— Pam, não fales. É uma ordem. Sookie, não insistas.

Poderia ter dito várias coisas. Poderia ter dito: «Não sou tua vas-sala e digo o que quiser.» Ou poderia ter dito: «Vai-te foder. Deixa-me sair», ligando ao meu irmão para me vir buscar.

Mas permaneci sentada, em silêncio.

Envergonha-me admitir que, naquele momento, tive medo de Eric, daquele vampiro desesperado e determinado que atacava a sua melhor amiga porque não queria que me contasse... alguma coisa. Pelo elo que nos unia, captei uma mistura confusa de emoções negativas: medo, raiva, determinação inabalável, frustração.

— Leva-me para casa — pedi.

Num eco sinistro, Miriam sussurrou, parcialmente consciente:

— Leva-me para casa...

Após um longo momento, Eric soltou Pam, que caiu sobre o banco como um saco de arroz. Curvou-se sobre Miriam, numa postura protetora. Em silêncio gélido, Eric levou-me de volta a casa. Não houve qualquer referência ao sexo que tínhamos agendado para depois daquele serão «divertido». Naquele ponto, teria preferido dormir com Luis e Antonio. Ou com Pam. Despedi-me de Pam e de Miriam, saí e caminhei até à casa sem olhar para trás.

Supus que Eric, Pam e Miriam teriam regressado juntos a Shreveport e supus que, nalgum ponto, Eric teria permitido que Pam voltasse a falar, mas não podia ter certezas.

Não consegui dormir depois de lavar a cara e de pendurar o vestido bonito num cabide. Esperei que pudesse usá-lo numa noite mais feliz, algures no futuro. Estivera demasiado bonita para me sentir tão miserável. Pensei se Eric teria lidado com os acontecimentos com igual sangue frio se tivesse sido eu a ser capturada por Victor, a ser drogada e colocada sobre aquele banco para que todos me vissem.

E havia outra coisa a perturbar-me. Perguntaria uma coisa a Eric se não se tivesse armado em ditador. Perguntaria: «Onde conseguiu o Victor o sangue de fada?»

Era aquilo que queria saber.